ARMINIANISMO PURO & SIMPLES

Uma introdução histórico-teológica

JAMIERSON OLIVEIRA

ARMINIANISMO PURO & SIMPLES

Uma introdução histórico-teológica

JAMIERSON OLIVEIRA

1ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira:
Capa e projeto gráfico: Leonardo Engel
Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 230 – Cristianismo e Teologia Cristã
ISBN: 978-85-263-1613-3
ISBN digital: 978-85-263-1803-8

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.
Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373
Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2018

Em memória do reformador e teólogo Jacó Armínio e do teólogo e avivalista João Wesley.

AGRADECIMENTOS

Não quero ser prolixo, citando tanta gente que me influenciou, ajudou e motivou para escrever esta obra, todos são preciosos amigos a quem muito agradeço. Por outro lado, não posso ser injusto deixando de agradecer pelo menos os principais. Começo pelo reverendo Eber Cocareli, apresentador do programa *Vejam Só* / RIT, que sempre me prestigiou, convidando-me para participar dos debates ali envolvendo a controvérsia arminianismo *versus* calvinismo. Foi devido a essas minhas exposições midiáticas, quase sempre bem-sucedidas, que me ocorreu a ideia deste livro, a partir das minhas anotações. Também agradeço ao meu amigo calvinista Rodrigo Marques, com quem mantenho uma boa e saudável amizade, trabalhando juntos em vários projetos no Reino.

Também devo uma palavra de gratidão a um grupo fechado no *Facebook*, formado por teólogos arminianos. Esses irmãos são exímios estudiosos do arminianismo, tanto do ponto de vista histórico como teológico, com alto grau de erudição nessa matéria. Ainda fico impressionado como eles conhecem o assunto! Participar desse "grupo de elite" me ajudou bastante a afiar a espada. Entre os membros, posso citar meus amigos Marlon Marques, Wellington Mariano e o Douglas Ferreira, que leram o manuscrito desta singela obra, e contribuíram com sua crítica e sugestões.

A Deus que amou o mundo todo, e todos do mundo, seja toda a glória!

“A norma da verdade teológica não é dupla, uma primária e outra secundária, mas são, única e simplesmente, as Sagradas Escrituras.”
– Jacó Armínio

“Cuidado para não ser tragado pelos livros! Um grama de amor vale mais que um quilo de conhecimento.”
– João Wesley

APRESENTAÇÃO

A obra *Arminianismo Puro e Simples* se propõe apresentar a história e teologia arminiana, como o próprio nome da obra sugere, de modo puro e simples.

Nos últimos cinco anos, houve um despertamento mundial pelo pensamento do teólogo holandês Jacó Armínio, e o Brasil não ficou fora desse movimento. Esse servo de Deus sistematizou a soteriologia que representa mais de 80% dos cristãos evangélicos de todo o mundo, que creem que Deus, pela sua graça, quer realmente salvar todos os homens e não apenas um grupo de privilegiados eleitos.

Infelizmente, fruto de desinformação ou mesmo de uma campanha difamatória de teólogos calvinistas, muitos o desconhecem ou possuem uma visão equivocada do arminianismo, rotulando-o de pelagiano ou antropocêntrico, ignorando quase que completamente suas fontes históricas e a sua forma de fundamentação escriturística.

O objetivo prioritário desta obra é introduzir o leitor ao arminianismo clássico e o que ele realmente ensina e crê, com base em fontes confiáveis e em seus principais proponentes, desde Jacó Armínio passando por John Wesley, até os autores contemporâneos.

Como cria a Igreja Primitiva? O que é livre-arbítrio? Deus realmente ama todos os homens? Jesus morreu por todos os pecadores ou só pelos eleitos? Um verdadeiro cristão pode perder a sua salvação? Esses e outros temas intrigantes você encontraráneste livro.

Boa leitura, e bom estudo.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Apresentação

Introdução

1. O Contexto Histórico de Jacó Armínio

A Vida de Jacó Armínio

Contexto Histórico e Político da Controvérsia

Causas, Antecedentes e Figuras Centrais da Reforma Protestante

2. A Teologia Arminiana

Quatro Visões sobre a Salvação

Arminianismo Clássico

O Acróstico “FACTS”

Graça Preveniente

Arminianismo Não É Pelagianismo

Objeções à Doutrina Calvinista da Predestinação

A Doutrina Arminiana da Eleição

Arminianismo e a Bíblia

Refutando o Calvinismo

3. A Teologia Wesleyana

A vida de João Wesley

Influências na Teologia Wesleyana

O Quadrilátero Wesleyano
A Teologia de João Wesley
Uma Última Palavra
Citações de Arminianos Pentecostais
Glossário
Teólogos Arminianos
Guia de Estudos
Referências

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no universo cristão mundial, que, segundo as mais confiáveis pesquisas, somam cerca de 2,4 bilhões de seguidores,[1] dos quais em torno de 600 milhões se identificam como evangélicos, podemos dizer seguramente que 80% deles são de confissão soteriológica arminiana. O mesmo quadro se aplica ao Brasil, onde a grande maioria dos crentes é de igrejas pentecostais e, por assim dizer, são arminianos, mesmo que não se identifiquem como tal. Esse panorama nos diz claramente muitas coisas, mas a principal delas é que o arminianismo e o Reino de Deus têm muito em comum. O fervor evangelístico e missionário é natural em um coração arminiano.

E não deveria ser assim mesmo, com o povo que crê que Deus amou de verdade o mundo inteiro, que Jesus morreu por todos os homens individualmente e que todos indistintamente podem ser salvos se crerem no evangelho, não resistindo ao convite à salvação? Claro que sim! Não consigo me imaginar motivado em pregar o evangelho para alguém se não creio que essa pessoa possa realmente ser salva. Imagine-se falando de Jesus para alguém que Deus não ama, para alguém que não foi escolhido por um decreto misterioso antes que houvesse mundo. No mínimo, é um "banho de água fria" para um evangelista.

Crescimento não é o nosso problema. O maior desafio que enfrentamos é de natureza de conteúdo, de formação dos nossos líderes e de identidade das

nossas igrejas. Esse segmento, formado por crentes arminianos, carece (e muito!) de informação e de preparo bíblico e teológico. No afã evangelístico, por muitos anos ouvimos de nossos pastores que estudar teologia é perda de tempo, e que vale mais a pena orar, jejuar e buscar os dons do Espírito Santo, entre outros absurdos condenando a formação acadêmica do povo. Embora eu não tenha sofrido com isso na minha juventude cristã, pelo fato de os meus pastores serem mestres na Palavra e grandes incentivadores do estudo, milhares de irmãos de igrejas predominantemente pentecostais e arminianas vivenciaram essa realidade. O resultado é que, embora cresçamos, de modo geral, poucos obreiros são qualificados no ensino bíblico e, consequentemente, na exposição e defesa da sua identidade confessional, seja do arminianismo, seja de muitos outros temas bíblicos e teológicos.

Outra prova disso é a escassez de obras que exponham coerentemente o posicionamento arminiano, fazendo com que a maioria desses crentes, por ignorância e por falta de treinamento teológico, acabe crendo na heresia pelagiana ou mesmo semipelagiana, alimentando, com isso, a acusação do lado calvinista, segundo a qual não temos um ensino bíblico e reformado da doutrina divina da salvação.

É claro que muitos calvinistas também não são versados em temas soteriológicos. Eu mesmo conheço vários cristãos calvinistas, alguns pastores, que não creem na predestinação individual, que estão cheios de dúvidas quanto à eleição incondicional e que não concordam com Calvino em vários outros pontos da questão. Porém, se analisarmos a convicção doutrinária de cada um dos grupos, é inegável que, geralmente, irmãos de igrejas calvinistas estão mais bem preparados para responder sobre calvinismo do que irmãos de igrejas arminianas sobre arminianismo.

No Brasil, o problema ainda é mais grave, quando vemos grandes denominações historicamente arminianas, com completa estrutura literária e educacional, não terem um posicionamento firme e claro nessa questão. Só

mais recentemente, percebendo um movimento calvinista no seu seio, inclusive com alguns pastores que já se declaram calvinistas, começamos a ouvir vozes levantando a bandeira do arminianismo.

Também é bastante enigmático o fato de essa realidade que atinge a massa não ter como razão de existir a ausência de teólogos e pensadores cristãos arminianos, como era de se esperar e como afirmam alguns calvinistas mal intencionados. Muito pelo contrário, a galeria dos maiores intelectuais, eruditos e teólogos, nesses dois mil anos de cristianismo está repleta de nomes alinhados com o arminianismo. Homens de Deus, mestres por excelência e crentes piedosos, que fizeram teologia (ou fazem) do mais alto nível, cujas obras de fina erudição são lidas e recomendadas nos principais centros acadêmicos do mundo evangélico. Sem se importar com datas, falo de alguns nomes, tais como: A. W. Tozer, Orlando Boyer, D. L. Moody, Keith Stanglin, C. S. Lewis, Thomas Oden, Leonard Ravenhill, F. Leroy Forlness, Billy Graham, Gordon Fee, Stanley Horton, William L. Craig, Antonio Gilberto, Luís Wesley de Souza, Esequias Soares, Alvin Plantinga, A. T. Robertson, Enéias Tognini, Israel Belo de Azevedo, J. P. Moreland, Norman L. Geisler, James Strong, entre outros.

O que você pode concluir sobre isso? Sim, que em nada estamos devendo aos calvinistas, como alguns querem transparecer que só eles conhecem teologia, que só eles são eruditos. No apêndice desta obra, reúno uma lista mais completa, que desqualificará por completo essa ideia proselitista que circula nos arraiais teológicos, principalmente da internet.

Mas o cenário começou a mudar. Neste momento, há um despertamento intelectual no meio acadêmico e eclesiástico de afirmação da identidade e soteriologia arminiana. O movimento é jovem, mas consistente, e os próprios calvinistas estão percebendo isso. Com organização de dezenas de eventos, cursos e palestras temáticas, além de farto material na internet, visando à disseminação da teologia arminiana, bem como desfazendo as injúrias lançadas sobre nós. Um destaque devemos fazer para a publicação

de excelentes obras, quer de autores estrangeiros, quer de pastores e teólogos nacionais. Especialmente, a recente publicação da CPAD das Obras de Jacó Armínio, uma iniciativa extraordinária da maior denominação brasileira, um marco histórico para a nossa teologia.

Destaco que isso não é uma revanche; em nosso coração, não há mágoa nem rancor dos queridos irmãos calvinistas. Longe disso, apenas estamos fazendo a lição de casa, como devíamos ter feito muitas décadas atrás. Eu, particularmente, que circulo bem no meio interdenominacional, tenho excelente amizade com grandes mestres calvinistas, e dialogamos com absoluto respeito e amor cristão. Mas é bom que todos saibam que o nosso fundamento doutrinário é cristocêntrico e bíblico, que somos tão reformados como eles, e que cessem as inverdades divulgadas contra o arminianismo. Não ousaria dizer tamanha heresia como Spurgeon, quando escreveu: “O calvinismo é apenas um apelido; o calvinismo é o evangelho e nada mais”.[2] Todavia, posso afirmar sem nenhum temor, e o leitor prudente poderá confirmar isso no final do estudo desta obra, que o arminianismo é rigorosamente evangélico. Este é o meu objetivo com este singelo livro: contribuir com o conhecimento do verdadeiro arminianismo, que se harmoniza perfeitamente com as Escrituras, e de forma simples, bíblica e histórica, ao alcance de todos.

Com esse panorama desenhado, quero reafirmar nosso amor aos irmãos de qualquer escola de pensamento teológico, e como escrevi num post do meu perfil em uma rede social: “Você pode ser arminiano, calvinista, neopentecostal, amilenista, dispensacionalista, cessacionista, pentecostal, tradicional, moderno, comunitário, reformado, carismático, apostólico, monergista, sinergista, enfim. Você só não pode ser incrédulo. Pois sem fé é impossível agradá-lo”.

Também faço questão de reproduzir aqui as sábias palavras de João Wesley, o mais notável arminiano depois de Jacó Armínio:

> Que ninguém levante a voz contra os arminianos antes de saber o que esta palavra significa, só então saberá que arminianos e calvinistas estão no mesmo nível. Os arminianos tem tanto direito de estar irados com os calvinistas como os calvinistas com os arminianos. João Calvino era um homem estudioso, piedoso e sensato, igual a Jacó Armínio. Muitos calvinistas são pessoas estudiosas, piedosas e sensatas, igual a muitos arminianos. A única diferença é que os primeiros afirmam a doutrina da predestinação absoluta, e os últimos, a predestinação condicional.

Caro leitor, a partir de agora, nos próximos capítulos, quero levá-lo por um caminho mais estreito, às vezes escorregadio e escuro, mas, com a graça de Deus, espero que, ao final dessa caminhada, eu o tenha ajudado a compreender a mais fascinante doutrina bíblica, a doutrina da salvação, e que a sua fé tenha sido edificada na inspirada e inerrante Palavra de Deus.

Ao deparar-se com termos técnicos e teológicos, necessários à exposição do assunto, recorra ao glossário preparado especialmente para você, facilitando assim sua compreensão do texto.

Bom estudo!

---

[1] Conforme dados do World Christian Database,

[2] C. H. Spurgeon em Uma Defesa do Calvinismo, p. XX.

1

O CONTEXTO HISTÓRICO DE JACÓ ARMÍNIO

A Vida de Jacó Armínio

Antes de avançarmos no assunto, explorar o que diz as Escrituras, discutir controvérsias teológicas ou filosóficas, é fundamental que se conheça quem foi o homem que empresta o seu nome à maioria esmagadora dos cristãos evangélicos no mundo, nos últimos cinco séculos.

É impressionante o desconhecimento generalizado sobre a vida e obra de Jacó Armínio. Como pode alguém que influenciou mais de 80% do mundo cristão evangélico ser tão mal compreendido ou ignorado? Mesmo no meio acadêmico, quando se fala dele, é de forma negativa, e quando positiva, acaba sendo com muitas informações incorretas, prejudicando ainda mais uma visão honesta sobre ele. Chamo isso de “conspiração calvinista”, uma vez que vem de fontes calvinistas a maior parte das calúnias contra esse servo de Deus.

Sei que parte dessas acusações e mentiras é, por um lado, por pura ignorância, simplesmente eles nunca leram uma obra original de Armínio, ou de teólogos arminianos confiáveis. Em meus debates com calvinistas, que podem ser encontrados na internet, diversas vezes deparei-me com a surpresa do meu oponente com as minhas declarações doutrinárias extremamente bíblicas e reformadas. Eu ficava com a impressão que ele se sentia diante de um herege muito mais ortodoxo do que ele gostaria ou esperava encontrar. Contudo, por outro lado, há aqueles que reproduzem mitos sobre a pessoa de Armínio por pura má fé. Estes têm um propósito deliberado de proteger Calvino, em um zelo canônico nutrido por esse teólogo e por seus escritos.

O homem atrás do teólogo, o crente e servo de Deus perseguido e o mais mal compreendido dos reformadores nasceu há exatos 456 anos, em outubro de 1559, em Oudewater, cidadezinha encravada entre uma das províncias que formaria a atual Holanda. Seu nome de registro era Jakob

Hermanszoon, que, na forma latinizada, ficara Jacobus Arminius e, na forma aportuguesada, Jacó Armínio.

Ainda criança, conheceu o sofrimento, ficando órfão de pai e sendo criado com grande dificuldade por sua mãe, juntamente com outros irmãos ainda pequenos. Mas, como se não bastasse, quando completou 15 anos, teve que enfrentar a morte de toda sua família, assassinada no massacre espanhol de Oudewater em 1575. Desconsolado, mas sentindo que Deus o chamava ao ministério, retornou à Holanda e bravamente continuou seus estudos em teologia na Universidade de Leiden, onde permaneceu até 1582.

Cinquenta anos mais jovem que João Calvino, seu grande contraponto teológico, Armínio foi grandemente influenciado por seus professores que não concordavam com o ensino calvinista reformado vigente em seus dias, os quais argumentavam que esse ensino transformava Deus em um tirano e carrasco. Após passar um tempo em Genebra estudando com Teodoro de Beza, sucessor imediato de Calvino, em 1582 mudou-se para Basileia, e logo após aceitou a oferta para pastorear a Igreja Reformada em Amsterdã, sendo ordenado ao santo ministério seis anos depois. Era considerado pelos membros como um pastor dedicado e sempre pronto para servir à igreja no que fosse necessário. Também era conhecido como excelente pregador e expositor das Escrituras.

Já casado com a jovem Lijsbet Reael, que foi uma fiel e muito amável esposa, e morando em Amsterdã, Jacó Armínio gradualmente foi estruturando sua teologia sobre a graça, eleição, predestinação e livre-arbítrio. Então, através de uma série de sermões sobre a epístola de Paulo aos Romanos, ele foi destoando dos calvinistas e começou a ter problemas com outros teólogos, uma vez que a sua soteriologia baseada em uma profunda pesquisa sobre a história da igreja, especialmente da patrística, contrariava os ensinos de Calvino e de Beza, aproximando-se mais de Lutero e da justificação pela fé. Essa querela chegou a uma considerada necessária intervenção do poder executivo e político, a fim de acalmar os

ânimos da população. Mesmo seu amigo Petrus Plancius voltou-se contra ele. Esses fatos o entristeceram profundamente, mas seu coração de pastor, provado no fogo da tribulação, não permitiu que ele desistisse da sua luta contra um sistema calvinista ditatorial, vigente em seus dias.

Um ponto importante que devemos destacar aqui é que, diferentemente do que é divulgado em tempos mais recentes, Jacó Arminio nunca foi calvinista, mas sim um teólogo reformado na acepção mais ampla do termo. Precisamos entender que o termo “calvinismo” não é sinônimo de “reformado”, como querem alguns calvinistas, criando com isso graves problemas teológicos e históricos. De acordo com as obras e pesquisas do estudioso Carl Bangs, Armínio nunca aceitou o postulado de Calvino quanto à doutrina da salvação, mesmo tendo permanecido fiel à eclesiologia e à doutrina dos sacramentos. As críticas de Armínio à soteriologia calvinista eram embasadas nas Escrituras e nos textos dos teólogos cristãos dos três primeiros séculos (chamados “Pais da Igreja”).

Em 1602, um surto da peste negra matou dois importantes membros da faculdade, Franciscus Junius e Lucas Trelcatius, “O Velho”. Mesmo a contragosto de muitos outros professores e alunos, graças a um importante membro da faculdade chamado Franciscus Gomarus, Armínio foi nomeado professor titular de teologia na Universidade de Leiden, mesmo centro acadêmico no qual se formara anos antes. Durante esse um ano como professor, lecionou teologia e escreveu muitos livros e tratados teológicos, base teórica sobre a qual se desenvolveu o arminianismo e o movimento holandês chamado remonstrante.

Sua amizade com Franciscus Gomarus durou pouco, pois as convicções hipercalvinistas de Gomarus levaram os dois a um debate que duraria seis anos, porque principalmente Armínio insistia em solicitar a revisão da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg, documentos clássicos da tradição calvinista.

Em 1604, as teses de Armínio foram defendidas publicamente no dia 07 de fevereiro, e combatidas, também em público, em 14 de outubro do mesmo ano. A disputa ganha proporções externas à universidade quando opositores de Armínio resolvem elaborar uma queixa formal contra ele junto à Classis, órgão administrativo de pastores e anciãos, ocasião em que Gomarus aumenta sua oposição a Armínio junto ao ministro de Leiden. Naquela época, como vemos, não era nada fácil fazer oposição aos calvinistas. Havia um clima muito forte de intolerância e perseguição contra qualquer ideia nova ou diferente. É por isso que Armínio não apenas apelava às Escrituras, mas também aos Pais da Igreja, isto é, na esperança de que os calvinistas entendessem que o sinergismo não era nenhuma novidade teológica.

Nesse tempo, uma série anônima de trinta e um artigos começa a circular, refutando a alegada "heterodoxia" de Jacó Armínio. A situação então se agrava e a perseguição aumenta, principalmente porque Sibrandus Lubbertus, influente professor da Universidade de Franeker, começa a enviar cartas a outros teólogos para que, juntos, pudessem convencer o público de que Armínio era um herege. Mas, felizmente, a maioria de seus adversários no campo teológico não se interessava em destruir-lhe a reputação ou expor-lhe publicamente como herege, pois conheciam seu caráter e piedade espiritual, bem como a força dos seus argumentos, e acabaram por contornar pacificamente os procedimentos oficiais.

Persistente, Armínio consegue permissão dos Estados da Holanda para expor suas ideias. Finalmente, em 30 de maio de 1608, Armínio e Gomarus expõem seus pontos de vista, em forma de discursos, perante a Suprema Corte em Haia. O então chefe de justiça da Suprema Corte, Reinout van Brederode, emite seu parecer: "Os pontos de diferença entre os dois professores, em sua maioria relacionados com os detalhes sutis da doutrina da predestinação, são de menor importância e podem coexistir [...] e ambos os senhores são intimados a tolerar uns aos outros com amor". Mas, em

flagrante provocação à Corte, Gomarus declarou que “não se atreveria a morrer conservando a opinião de Armínio, nem se apresentaria com ela ante o tribunal de Deus”.

Diante disso, Armínio insistia em defender suas ideias em um sínodo nacional, mas os Estados da Holanda, acreditando ser tal medida por demais exagerada, concede-o expô-las apenas na assembleia de 30 de outubro de 1608. Finalmente, Armínio sente-se à vontade — e com espectadores numericamente suficientes — para justificar seu pedido de revisão da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg, apresentando uma visão geral de todas as diferentes opiniões existentes sobre a doutrina da predestinação, colocando supra e infralapsarianismo como ensinamentos equivalentes, propondo incompatibilidade entre esses ensinos e as Confissões já citadas.

Em 12 de dezembro do mesmo ano, Gomarus também discursou sua crítica a Armínio, com um tom sarcástico e beligerante, alegando que seu oponente defendia ideias pelagianas, o que não ficaria impune — a Assembleia ordenou que ambos os discursos fossem proibidos de publicação. Apesar da proibição, logo aparecem impressos.

Em 25 de julho de 1609, estando grandemente abatido por uma doença, Armínio teve suas teses defendidas por Jacobus Bontebal. Nessa data, mesmo com a saúde gravemente debilitada, refutou brilhantemente um sacerdote católico que assistia à exposição de suas doutrinas. Após essa data, Armínio recebeu ordens de assistir a uma conferência com Gomarus em Haia, nos dias 13 e 14 de agosto daquele ano. Contudo, suas condições de saúde não lhe permitiam obedecer tal ordem, fazendo-o retornar a Leiden.

Aos 19 do mês de outubro de 1609, com apenas 49 anos, morreu Jakob Hermanszoon, em Pieterskerkhof, onde foi enterrado. Uma pedra memorial em seu nome foi ali colocada em 1934. Seus sucessores que levaram adiante suas ideias foram Johannes Uitenbogaard e Simon Episcopius.

O corajoso e fiel teólogo, mesmo com seus dias contados, lutou até o fim, permanecendo como professor em Leiden até a morte, sendo estimado por milhares de alunos e amigos. Suas ideias ganharam proporções teológicas e políticas, causando uma cisão em larga escala dentro do calvinismo e do mundo reformado. Sua herança são milhões de crentes em Cristo Jesus, em todas as nações, até os confins da Terra.

Ainda devemos destacar que, em todo esse tempo de vida pastoral e de labor teológico, mesmo com todas as oposições, vivendo um clima real de perseguição e ameaças, o pastor e professor Armínio manteve a calma e a serenidade, como fruto do Espírito. Não se conhece na sua história um momento em que tenha destratado seus opositores, nem faltado com a verdade do evangelho em nenhum dos seus sermões, aulas, escritos ou debates. Sempre fiel à Palavra de Deus! Sempre fiel ao lema reformado dos cinco solas, a saber: *Sola Scriptura* (somente a Escritura), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola Gratia* (somente a graça), *Sola Fide* (somente a fé), *Soli Deo Gloria* (somente a Deus toda glória). E é essa fé que caracteriza um verdadeiro cristão reformado, seja ele calvinista ou não!

Contexto Histórico e Político da Controvérsia

Agora que você já conhece, ainda que superficialmente, o suficiente desse patriarca da igreja moderna, também se faz necessário uma síntese das razões que levaram Armínio e Gomarus a um agudo e desgastante confronto de ideias. Até mesmo para entendermos os motivos de audiências públicas, principalmente do envolvimento dos poderes políticos e do próprio Estado. Sem conhecer a mentalidade da sociedade desse tempo, será muito difícil compreender Armínio ou mesmo Calvino, podendo nos levar a equívocos tanto sobre um como sobre o outro teólogo reformado.

Em primeiro lugar, é necessário entender que, mesmo com a concretização da Reforma Protestante, a religião ainda estava atrelada ao Estado, e o papel de cada um desses âmbitos era frequentemente confundido. O mundo dessa época estava em efervescente transformação social. A Idade Média dava lugar à Moderna, um mundo que buscava uma substituição do complexo e falido sistema feudal, que lidava com o surgimento do Renascentismo e com diversas mudanças de valores. Ou seja, nunca pense na Reforma Protestante com a cabeça de hoje, ou olhando para Europa de hoje. O tempo de Lutero, de Calvino e de Armínio era muito diferente do nosso tempo.

No tempo de Armínio, segunda metade do século XVI e início do século XVII, a Reforma Protestante não estava totalmente consolidada, e, embora a velha hegemonia católica já tivesse sido quebrada, o clima ainda era muito tenso e crítico. A sociedade aristocrática medieval já em ruína, ainda estava marcada por uma pirâmide social, em cujo topo estava o clero, abaixo a nobreza e na base os camponeses, gente comum, sem quase nenhum direito. Um tempo marcado por grandes pragas, crise econômica, grandes descobertas marítimas e científicas, enfim. Imagine a formação teológica do homem desse tempo, que teve que lidar com a reforma proposta por Martinho Lutero, que pregava a salvação única e

exclusivamente pela fé, com a reforma de João Calvino, que lançava uma ideia de salvação por um decreto de Deus, ou seja, a predestinação, e agora com Armínio que reafirmava as bases bíblicas do livre-arbítrio, responsabilidade humana e eleição condicional. Vale lembrar também que, apesar do esforço de alguns em traduzir as Escrituras para o idioma do povo, a Bíblia ainda não estava amplamente disponível como nos dias de hoje. Só essas questões já deveriam ser olhadas com mais complacência.

Apenas como um exercício de reflexão, você pensou que, enquanto Lutero, Calvino, Armínio e outros teólogos debatiam essas questões doutrinárias no século XVI, é mais ou menos nessa época que Cristovão Colombo descobre as Américas, e em seguida o nosso lindo Brasil também é descoberto? Entendeu como o mundo era diferente? Vale a pena você estudar esse período, e buscar compreender o coração desses homens que Deus usou para mudar a História.

Posso apropriadamente citar o historiador G. R. Elton, que disse: “Ninguém se atreveria hoje a enumerar as causas da Reforma. Um fenômeno tão complexo surgiu de fatores tão numerosos que somente uma análise geral, que abarcaria centenas de anos de história, poderia aproximar-nos de uma resposta satisfatória”.[3]

O fato é que a Reforma Protestante aconteceu, e dividiu o mundo entre católicos e protestantes, e, além disso, viu o próprio mundo protestante dividido. De acordo com historiadores como Carl Bangs,[4] os Países Baixos, região de Armínio, eram tolerantes com a diversidade teológica característica da região, não confessando rigidamente o calvinismo, como acontecia na Suíça, por exemplo. Assume-se como verdade que a declaração de fé principal nos Países Baixos era o Catecismo de Heidelberg, sem, contudo, haver uma exigência imperativa de que ministros e teólogos fossem invariavelmente calvinistas. A tolerância também se estendia aos crentes de um modo geral, havendo entre eles calvinistas e luteranos que pacificamente conviviam como comunidade de fé. Cristãos que

professavam o sinergismo de Melanchthon imperturbavelmente conviviam com adeptos do supralapsarianismo de Beza.

Esse clima ameno começa a ser ameaçado quando Francisco Gomarus passa a sugerir, com certa insistência, que igrejas e universidades holandesas confessassem unânime e uniformemente pressupostos calvinistas. Armínio, acostumado com o clima tolerante que permeava os cidadãos, mostra-se alarmado com o exagero e o tom desnecessário com que alguns calvinistas se referiam ao seu ensino. Mesmo o Estado evitou classificar a teologia de Armínio como herética, tão menos o fez a igreja. Mas isso estava prestes a mudar.

Os Países Baixos estavam em guerra contra a dominação católica espanhola. Alguns calvinistas viam em sua teologia um "porto seguro" para proteger o povo da influência da teologia católica espanhola, e convenceram o então príncipe Maurício de Nassau a fazer uma campanha para unificar a doutrina pregada e ensinada, e para oficializar o calvinismo. O resultado foi retaliação política e religiosa — após a morte de Armínio, o príncipe Nassau depôs os arminianos dos cargos políticos. Um cristão foi executado por confessar crer no arminianismo, e tantos outros foram encarcerados. O conflito teológico estava se transformando em disputa política e pretexto para barbárie.[5]

Para resolver tal situação, a Igreja convocou o Sínodo Nacional da Igreja Reformada, em Dort, que perdurou de 13 de novembro de 1618 até 9 de maio de 1619. Nele, os "remonstrantes" estavam presentes na qualidade de acusados, sem oportunidade de defesa de sua fé, conforme pode ser confirmado historicamente, sendo replicados pelos inquisidores simpatizantes do calvinismo. Ao findar do sínodo, os arminianos foram condenados como hereges e depostos de seus cargos eclesiásticos e seculares, além de terem suas propriedades expropriadas. Alguns, ainda, foram exilados, outros condenados à prisão perpétua, entre outras brutalidades que nunca deveriam ser nomeadas entre cristãos. O Sínodo de

Dort, como ficou conhecido historicamente, mostrou que, embora menos acadêmico, foi tão intolerante e perverso como o Concílio de Trento, que condenou à fogueira os “hereges” protestantes, conforme criticou João Wesley.

Com a morte de Maurício de Nassau, a influência dos calvinistas na região perdeu seu poder, e os arminianos retornaram ao país, ocasião em que fundaram igrejas e um seminário remonstrante.

O que dizer dessa hostilidade e massacre por parte dos calvinistas daquele tempo? Foi culpa do Estado? Mas não é a teologia calvinista a base desse estado capitalista que se formava, atendendo bem aos interesses de uma burguesia que se enriquecia? Foi culpa da teologia? Mas não é ela o evangelho, conforme cria Spurgeon? A história já está escrita, basta nos debruçarmos sobre ela para compreender e discernir. O que fica claro é que o poder de um Estado católico foi tão cruel como de um Estado calvinista.

Causas, Antecedentes e Figuras Centrais da Reforma Protestante

Nos livros de história da Idade Média, a Reforma Protestante é um dos temas mais mencionados. Não há como falar de desenvolvimento social e filosófico na Europa sem mencionar as bases filosóficas e teológicas lançadas por Martinho Lutero. Após quinhentos anos, cá estamos, abordando essa temática tão atual e influente. Muito se fala, e muito se pode ler sobre o tema em livros e na internet. Mas há uma infinidade de interpretações sobre esse assunto, com os historiadores influenciando leitores cada qual segundo seu ponto de vista. Poderíamos conferir, por exemplo, o que diz o historiador Earle E. Cairns sobre os pontos de vista dos historiadores:

• Os historiadores protestantes

Compreendem a Reforma como um movimento religioso que, procurando redescobrir a pureza do cristianismo primitivo, buscou no Novo Testamento suas bases teológicas. Infelizmente, essa interpretação tende a ignorar os fatores econômicos, políticos e intelectuais que ajudaram a promover a Reforma.

• Os historiadores católicos romanos

Compreendem a Reforma como uma heresia inspirada por Martinho Lutero que, segundo alegam, buscava interesses pessoais, dentre eles, o de se casar. Nisso, o protestantismo é visto como um cisma herético que teria destruído a unidade teológica e eclesiástica da Igreja Medieval, segundo argumentam, mesmo diante das dificuldades em explicar o porquê de nunca ter conseguido a proeza de se manter una. Além disso, os historiadores católicos tratam de maneira leviana as muitíssimas barbaridades e anomalias que mancham a história da igreja romana medieval, bem como

os muitos protestos não atendidos na época, o que resultou finalmente na Reforma.

• Os historiadores seculares

Colocam seu enfoque nos fatores secundários em sua abordagem sobre a Reforma. Voltaire demonstra essa interpretação racionalista, colocando a Reforma Protestante como um efeito colateral da briga de monges da Saxônia e, na Inglaterra, apenas o resultado de um caso de amor de Henrique VIII. De modo algum, negamos essas conjecturas como pertencentes à realidade do contexto da época, mas apelar para esse reducionismo é falta de vontade de analisar os fatos, uma vez que, dentro do movimento reformista, pessoas sacrificaram suas vidas.

• Os historiadores marxistas

Trazem um argumento meramente econômico e político para a discussão, sendo a Reforma uma tentativa do papado romano de explorar economicamente a Alemanha para lucro próprio. Como resultado, as nações/estados se opuseram ao regime religioso do papado, gerando conflitos políticos que culminaram na Reforma.

Embora existam verdades em todas essas interpretações, seguramente podemos afirmar que são apenas facetas de um movimento com dimensões muito maiores, com causas múltiplas e muito mais complexas. Quais, então, são as causas da Reforma Protestante? Existem, pelo menos, fatores políticos, econômicos, intelectuais e morais.

Em primeiro lugar, fatores políticos podem ser ressaltados. As novas nações, centralizadas ao noroeste da Europa, não aceitavam a ideia de uma igreja universal com poderes estatais e soberania política nacional. Na Inglaterra, Henrique VIII divorciou-se de sua esposa, levando-o ao rompimento com a igreja romana, lançando assim semente para o surgimento da igreja anglicana.

Em segundo lugar, no tocante aos fatores econômicos, vemos que a isenção de impostos da igreja medieval acendia a ira dos governantes. Além disso, a igreja era detentora de terras na Europa ocidental, gerando a cobiça dos governantes, da nobreza e da classe média. Não obstante, ainda havia o abuso das indulgências, que era um fator de pobreza na Alemanha, algo que enfurecia Lutero.

Em terceiro lugar, há o fator intelectual. A influência que o humanismo renascentista trouxe à Europa, especialmente à Itália, gerou um senso crítico mais aguçado e uma tendência à inteligência cética, levantando na Idade Média uma postura muito parecida com a que caracterizou a Grécia clássica.

Finalmente, o fator moral também influenciou a Reforma. Havia uma flagrante disparidade entre a igreja do Novo Testamento e as práticas católicas romanas. A degradação moral e as trevas atingiram todos os níveis da hierarquia da igreja — prostituição, corrupção, suborno, assassinatos, cobranças de indulgências, etc. Enfim, os fatos nos mostram o quanto a igreja romana se afastara do cristianismo de Jesus. De todos os fatores que poderiam desencadear uma revolta ou uma reforma, o mais significativo foi o fator moral.

A Reforma Protestante foi, como qualquer reforma, seja de ordem religiosa ou social, um clamor por mudanças. Houve eventos antecedentes que acabaram por culminar em seu surgimento. Nos últimos anos da Idade Média, a igreja ocidental sofreu um período de transtornos, como por exemplo, a transferência da sede papal para a cidade francesa de Avignon e com isso a eleição simultânea de dois pontífices, bem como a decadência moral e o nepotismo conduziram ao inevitável cisma do Ocidente, entre 1378 e 1417. Somam-se a isso pequenos clamores aqui e acolá, que surgiram para que a igreja passasse a viver de forma mais coerente com o evangelho, dando origem às ordens mendicantes. Na Inglaterra, John Wycliffe defendeu ideias que seriam mais tarde reconhecidas pelos

protestantes, como a secularização e o possível confisco dos bens eclesiásticos, a negação da presença real e corpórea de Cristo na eucaristia, e uma campanha para que a Bíblia estivesse nas mãos do povo. Um século antes, os valdenses, “os pobres de Lyon”, já questionavam o autoritarismo papal e o abuso das indulgências. Esses levantes pré-reforma influenciaram sobremaneira homens como João Huss e Jerônimo de Savonarola, que denunciavam abertamente as heresias e pecados do papa.

Não poderíamos deixar de considerar toda a problemática que tece o pano de fundo para os acontecimentos no final da Idade Média: os fundamentos do antigo mundo estavam à beira da falência, as descobertas de novos mundos por Colombo e Cabral, a substituição do conceito de governo universal pelas nações-Estado, a economia comercial invadindo o espaço da economia feudal, as transformações intelectuais e culturais devido ao surgimento do Renascimento, etc. Tudo isso, logicamente, traria consequências sociais e eclesiásticas, sendo, portanto, desnecessário mencionar que a igreja medieval seria por isso afetada.

Ainda, em 1517, a campanha das indulgências para arrecadação de fundos para a Basílica de São Pedro estava a todo vapor. Havia um padre dominicano chamado João Tetzel que usava de grande persuasão e teatralidade a fim de arrecadar fundos: “Dizem que cada vez que cai a moeda na bolsa do frade, uma alma sai do purgatório”, asseverava Tetzel. Toda essa desonestidade religiosa não poderia resultar em outra coisa a não ser protesto. Em 31 de outubro, no mesmo ano, um monge agostiniano chamado Martinho Lutero, homem de coragem e pensamento afiado, fixou suas 95 teses na porta do castelo de Wittenberg, na Alemanha, protestando contra as indulgências e contra o abuso do poder. A resposta do papa Leão X veio na bula *Exsurge Domine*, ameaçando Lutero de excomunhão. Porém, as teses de Lutero já haviam sido distribuídas por toda a Alemanha, levando a igreja a organizar o que foi conhecido como dieta de Worms,

onde Lutero fora convocado para se retratar, ocasião que tornou o monge conhecido por negar-se à retratação.

Em 1529, na dieta de Spira, os cristãos reformistas foram pela primeira vez apelidados de “protestantes”, devido ao firme protesto que os príncipes alemães fizeram diante do autoritarismo do catolicismo romano. Nessa mesma época, as ideias da Reforma estavam se capilarizando em diversas partes, como por exemplo, em Zurique, sob a liderança de Zuínglio, e na França, por Calvino, além dos Países Baixos. O protestantismo alcançou tal expressão que uma medida de desespero eclodiu em forma de ferrenha perseguição, ganhando forma e oficialidade. Foi chamada de Contrarreforma, promovida principalmente pelo espírito de represália do romanismo. Os próximos cem anos seriam marcados pela guerra religiosa entre católicos e protestantes.

Mas quem foram os personagens centrais na história da Reforma?

Martinho Lutero, nascido em Eisleben, aos 10 de novembro de 1483, veio de família humilde. Seus pais, Hans Luther e Margarete Ziegler Luther, eram camponeses. Teve notável carreira acadêmica: foi ordenado sacerdote em 1507, ingressando na ordem agostiniana. Estudou Filosofia na Universidade de Erfurt, além de doutorar-se em Teologia e obter seu mestrado em Artes. Lecionou em Wittemberg. Rompeu oficialmente com o romanismo em 1521. Ficou conhecido por, em 31 de outubro de 1517, ter fixado suas 95 teses no castelo de Wittemberg.

Uldreich Zwinglio nasceu em 1484, em Wildhaus, em uma família de fazendeiros. Tornou-se sacerdote católico e bacharelou-se em artes nas Universidades de Viena e Basileia. Em 1519, sob a influência dos escritos de Erasmo de Roterdã e Lutero, começou em Zurique uma série de pregações contra os abusos da igreja romanista, não demorando muito para dissociar-se e converter-se.

João Calvino nasceu em 1509, em Noyon, na Picardia. Estudou na Universidade de Paris, e posteriormente cursou advocacia na Universidade

de Orleans e em Bourgs. Converteu-se às ideias reformadas em 1533, sendo por isso forçado a abandonar a França, instalando-se em Basileia, onde terminou sua obra *As Institutas da Religião Cristã.*

João Knox foi um padre escocês. Por volta de 1540, começou a pregar ideias reformadas. Preso em 1547 pelo exército francês, foi mandado para a França. Quando esteve em Genebra, assimilou a doutrina ensinada por Calvino. Em 1559, retornou à Escócia, liderando um movimento de reforma nacional.

---

[3] ELTON, G.R. New Cambridge Modem l__Ii_story; The Refonnation Era, 1520-1559

[4] BANGS, Carl. Biografia de Jacó Armínio. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

[5] Charles Hodge, erudito calvinista de renome internacional, concorda com esta afirmação da natureza política do Sínodo de Dort. Ele nos informa que os cânones de Dort foi escrito para agradar tanto infra como supralapsarianos, muito embora houvesse discordância entre eles em relação à ordem dos decretos quanto à salvação. (*Teologia Sistemática de Hodge*, p. 720, Editora Hagnos, 2001)

2

A TEOLOGIA ARMINIANA

Quatro Visões sobre a Salvação

Agora que você já conhece um pouco da histórica e ministério do reformador Jacó Armínio, bem como o mundo e a sociedade da sua época, veremos, de maneira objetiva e didática, as quatro visões soteriológicas desenvolvidas ao longo do cristianismo sobre a relação Deus-homem no processo salvífico. Dois desses pensamentos são heréticos e dois são legitimamente evangélicos. Essas definições nos ajudarão a entender a controvérsia entre arminianos e calvinistas, propósito central desta obra.

1. Pelagianismo

(monergismo • o homem é o único agente na salvação • herético)

Considera que o ser humano inicia e conclui o processo de redenção e santificação, por viver o tipo de vida exemplifi*cada por Cristo. Segundo Pelágio, monge britânico (400 d.C.), não há o conceito de pecado original e apenas Adão foi afetado; portanto, o homem não está propenso a pecar, sendo livre para escolher a Deus ou rejeitá-lo. Ele pode fazer coisas boas por conta própria, sem que a graça o capacite, uma vez que não possui natureza pecaminosa.*

2. Semipelagianismo

(sinergismo • o homem inicia o processo, Deus responde ao homem • herético)

*Considera que o ser humano inicia o processo de redenção, mas que ela seja concluída com a assistência de Deus e com o sacrifício redentor de C*risto. No semipelagianismo, o homem dá o primeiro passo, escolhendo Deus pelos seus próprios méritos. O homem faz e Deus o recompensa, mas a iniciativa ainda é do homem. Essa é a teologia mais popular nos púlpitos evangélicos brasileiros. Infelizmente, para muitos calvinistas, o

semipelagianismo equivale ao arminianismo, o que está errado, como veremos a seguir.

3. Arminianismo

(sinergismo • Deus inicia o processo, o homem responde a Deus • evangélico)

Considera que Deus inicia o processo de redenção, providencia perdão a todos, direciona sua graça a todos, mas só salva aqueles seres humanos que respondem, com fé, aos seus sussurros iniciais. No arminianismo, o homem totalmente depravado não pode fazer bem nenhum sem a graça de Deus. Uma vez capacitado pela graça, o homem pode crer em Cristo. A iniciativa é sempre de Deus, e essa é a razão pela qual o arminianismo é evangélico e o semipelagianismo é herético. Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.

4. Calvinismo

(monergismo • Deus é o único agente na salvação • evangélico)

Considera que Deus inicia e conclui o processo de redenção e santificação de algumas pessoas, selecionadas incondicionalmente, desde antes da fundação do mundo. Deus se responsabiliza em providenciar perdão e expiação dos pecados; além disso, é Ele que, pelo poder do Espírito Santo, na pregação da Palavra, gera fé e arrependimento no coração dos eleitos, espalhados em todas as nações da terra.

Arminianismo Clássico

Agora sim, já temos o pano de fundo mais importante para adentrarmos em território mais complexo, o que seria propriamente o pensamento teológio arminiano, herdeiro de uma teologia tão antiga como a própria igreja, passando pelos primeiros Pais, pela Reforma Protestante, pelos séculos dos avivamentos, pelo despertamento pentecostal e chegando, até nós, robusta e absolutamente fiel às Escrituras.

Desde o século XVI, o arminianismo vem influenciando cristãos como os metodistas, os congregacionalistas e os batistas (*A History of the Baptists*, terceira edição, por Robert G. Torbet). A expressão "arminianismo" é usada para definir as afirmações e crenças do holandês Jacó Armínio e de seus seguidores históricos, os *remonstrantes*, bem como ideias mais amplas como as de Hugo Grócio, João Wesley e outros. Veremos que se pode tratar o assunto por duas vertentes: *arminianismo clássico*, que tem em Armínio a sua principal fonte, e *arminianismo wesleyano*, ou simplesmente metodismo, que tem em João Wesley a sua fonte.

O fato é que, em 1589, um holandês chamado Koornheert teceu refutações à doutrina supralapsariana, causando alvoroço nos círculos teológicos, argumentando que as teorias de Beza tornavam Deus a causa e o autor do pecado. Essa polêmica começou a atrair um número cada vez maior de simpatizantes, até que se levantou um temor de que tais afirmações abalariam a estabilidade não apenas teológica, mas também política dos Países Baixos. Ao mesmo tempo, Jacó Armínio aprofundava-se na Epístola aos Romanos, detendo-se principalmente no capítulo 9. E, quanto mais se aprofundava, mais se convencia de que o ensino de Paulo era oposto à teologia de Beza sobre predestinação. Embora Armínio nunca tenha abandonado a sua fé conforme as bases da Reforma Protestante, percebeu em seus estudos que equivocadamente os judeus acreditavam

terem sido divinamente predestinados exclusivamente para a salvação, sem espaço para a possibilidade de que algo pudesse mudar esse quadro. Dentro disso, Armínio percebeu que a carta aos Romanos fora escrita exatamente para mostrar os planos de Deus para salvação pessoal e de outras nações, uma salvação pela fé, e não por decretos.

Depois de tal esforço, Armínio focou nos escritos dos Pais da Igreja. Compilou evidências demonstrando que nenhum "pai" digno de crédito havia ensinado as ideias e conceitos de Beza.[6] Constatou ainda que a predestinação apregoada por Calvino jamais havia sido oficialmente aceita pela igreja. Essas constatações não seriam abandonadas ao esquecimento, como podemos visualizar na história do célebre teólogo holandês.

Após a morte de Armínio, em 1610, quarenta e cinco ministros assinaram uma declaração teológica chamada Remonstrância (palavra que significa "protesto"), famosa por expor, através de cinco tópicos em forma de protesto e de viés declarativo, um resumo do que crê um autêntico arminiano, a pedido de João Oldenbornveldt, chefe da Província da Holanda, que iria apresentá-lo ao governo a fim de obter maior tolerância para os adeptos do arminianismo, como segue:

Artigo I

Deus, por um eterno e imutável decreto em Jesus Cristo, seu Filho, antes de ter lançado os fundamentos do mundo, decidiu salvar, dentre a raça humana caída em pecado, os que, em Cristo, por causa de Cristo e através de Cristo, por meio da graça do Espírito Santo, creriam nesse seu Filho, e que, pela mesma graça, perseverariam até o fim nessa fé e obediência de fé; mas, por outro lado, decidiu deixar os impenitentes e os descrentes sob o pecado e a ira, condenando-os como alheios a Cristo, conforme a palavra do Evangelho de João 3.36: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece", e também conforme outras passagens da Escritura.

Artigo II

Em concordância com isso, Jesus Cristo, o Salvador do Mundo, morreu por todos e por cada um dos homens, de modo que obteve reconciliação e remissão dos pecados por sua morte na cruz; porém, ninguém é realmente feito participante dessa remissão exceto os crentes, segundo a palavra do Evangelho de João 3.16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” e a Primeira Epístola de João 2.2: “E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo”.

Artigo III

O homem não possui fé salvadora em si mesmo, nem no poder do seu livre-arbítrio, visto que, em seu estado de apostasia e de pecado, não pode, de si e por si mesmo, pensar, querer ou fazer algo de bom (que seja verdadeiramente bom tal como, primeiramente, a fé salvífica); mas, é necessário que Deus, em Cristo, pelo seu Espírito Santo, regenere-o e renove-o no intelecto, nas emoções, na vontade e em todos os seus poderes, a fim de que ele possa corretamente entender, meditar, querer e prosseguir no que é verdadeiramente bom, como está escrito em João 15.5: “porque sem mim nada podereis fazer”.

Artigo IV

Esta graça de Deus é o princípio, o progresso e a consumação de todo o bem, tanto que nem mesmo um homem regenerado pode, por si mesmo, sem essa precedente ou preveniente, excitante, prosseguinte e cooperante graça, pensar, querer ou terminar qualquer bem, muito menos resistir a quaisquer tentações para o mal. Por isso, todas as boas obras e boas ações que possam ser pensadas devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo. Mas, em relação ao modo de operação dessa graça, ela não é irresistível,

visto que está escrito sobre muitos que “resistiram ao Espírito Santo” (At 7) e em muitos outros lugares.

Artigo V

Aqueles que são incorporados em Cristo por uma fé verdadeira, e consequentemente são feitos participantes do seu Espírito vivificante, são abundantemente dotados de poder, para que possam lutar contra Satanás, contra o pecado, contra o mundo e contra sua própria carne, e ganhar a vitória. Contudo, sempre (queremos que seja bem entendido) com o auxílio da graça do Espírito Santo, Jesus Cristo os ajuda, pelo seu Espírito, em todas as suas tentações, estende-lhes as suas mãos, apoia-os e os fortalece (caso estejam prontos para lutar, queiram o seu socorro e não desistam de si mesmos), de modo que, por nenhum engano ou poder sedutor de Satanás, possam ser arrebatados das mãos de Cristo, conforme o que Cristo disse em João 10.28: “ninguém as arrebatará da minha mão”. Mas se eles não são capazes de, por descuido, esquecer o início de sua vida em Cristo, de novamente abraçar o presente mundo, de se afastar da santa doutrina que uma vez lhes foi entregue, de perder a sua boa consciência e de negligenciar a graça, isto deve ser assunto de uma pesquisa mais acurada na Sagrada Escritura, antes que possamos ensinar com inteira persuasão de nossas mentes.

O teólogo e historiador Justo González tece alguns comentários sobre esses artigos, elucidando pontos importantes a serem compreendidos, na obra *Uma História do Pensamento Cristão: Da Reforma Protestante ao Século 20*. González começa explicando que a Remonstrância exprime que Deus determinou salvar e condenar certas pessoas em particular, e assim decretou conforme o seu pré-conhecimento, pelo qual ele conheceu, desde antes do princípio da criação, os indivíduos que iriam crer nEle, bem como aqueles que não creriam. Nesse comentário, ele explica a ideia da salvação do homem não por eleição, mas porque recebeu conscientemente a Cristo

como Senhor e Salvador, tornando-se um eleito (Jo 3.36). Não existiria, por essa linha de pensamento, uma seleção de algumas pessoas para a salvação, tampouco para a condenação, sendo a eleição algo condicional.

González continua explanando o pensamento de Armínio, citando uma de suas frases mais famosas: "[Jesus] morreu por todos os homens e por cada um deles, de tal forma que Ele obteve tudo para eles, por meio de sua morte na cruz, redenção e perdão de pecados". Com isso, o teólogo holandês afirmava que Deus havia ofertado a vida eterna a todos os homens, por meio da obra expiatória de Jesus Cristo, sendo este o Salvador do mundo, e sendo a redenção, portanto, universal (Jo 3.16; 1 Jo 2.2). Não deveríamos, no entanto, confundir tal posicionamento com o universalismo real, pois a Remonstrância deixa claro que apenas os crentes serão salvos, enquanto os não crentes terão a liberdade de rejeitar o evangelho.

O teólogo arminiano H. Orton Wiley, em *Introdução à Teologia Cristã*, posiciona-se da seguinte forma: "A expiação é universal. Isto não quer dizer que toda a humanidade se salvará incondicionalmente, mas apenas que a oferta sacrificial de Cristo satisfez as pretensões da lei divina, de maneira que tornou a salvação possível para todos. A redenção, portanto, é universal ou geral no sentido de provisão, mas especial ou condicional na sua aplicação ao indivíduo". [7]

Outra característica interessante é que os remonstrantes de modo algum negaram a depravação total, mas diziam que a humanidade está sob a égide do pecado. González vai direto ao assunto, dizendo que o homem é tão depravado que a graça divina é necessária tanto para a fé como para as boas obras. Todos nascem filhos da ira. Logo, apenas e tão somente pela graça preventiva, o homem é capacitado a crer na mensagem do evangelho. Deixemos que o próprio Armínio se expresse sobre o tema:

> Esta é minha opinião a respeito do livre-arbítrio do homem: *Em sua condição primitiva,* tendo vindo das mãos do Criador, o homem foi dotado com uma porção de conhecimento, santidade e poder, para capacitá-lo a entender, estimar, considerar,

> desejar e fazer o bem, de acordo com o que lhe foi dado como missão. No entanto, ele não podia realizar nenhum desses atos, exceto com o auxílio da graça divina. Mas em seu estado de descuido e pecado, o homem não é capaz de pensar, nem querer, ou fazer, por si mesmo, o que é realmente bom; pois é necessário que ele seja regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e desejos, e em todos seus poderes, por Deus, em Cristo, por intermédio do Santo Espírito, para que possa ser corretamente qualificado para entender, estimar, considerar, desejar e fazer aquilo que realmente seja bom. Quando ele é feito participante dessa regeneração ou renovação, considero que, estando liberto do pecado, ele é capaz de pensar, de querer e fazer aquilo que é bom, mas ainda não *sem a ajuda continuada da graça divina*.[8]

A Remonstrância, agora contrariando o ensino calvinista, afirma que o ser humano pode resistir à graça divina. No debate com Gomarus, Armínio negou a irresistibilidade da graça, argumentando que uma graça suficiente e universal segue a pregação do evangelho e, portanto, pode ser resistida conforme a má vontade de crer do ouvinte. Na verdade, Armínio e o arminianismo creem que a capacidade de responder à graça foi perdida. A graça preveniente é que restaura o arbítrio para que o homem corresponda ou não a ela, e para sustentar tal teoria, Armínio cita passagens das Escrituras, como Mateus 23.37, Lucas 7.30, Atos 7.51, 2 Coríntios 6.1, Hebreus 12.5. Para Armínio, essas referências provam que Deus não coage ninguém a aceitar sua graça, cabendo ao Espírito Santo trabalhar, e não violentar ou obrigar o homem, para que creia.

Finalmente, os remonstrantes encerram suas argumentações, e na primeira edição do documento de fé publicado em 1610, admitindo que a questão da perseverança dos santos é um elemento da fé que exige maior investigação, deixando em aberto o assunto para debate e aprendizado. Alguns anos mais tarde, 1618, na nova edição fecham essa dúvida defendendo a possibilidade de um verdadeiro crente cair e naufragar na fé. Entendimento que se aproxima bastante do que pensava Armínio, conforme veremos posteriormente. Fica claro o espírito investigativo e o incentivo à leitura com boa vontade sobre o tema dentro da bíblia que dominava a primeira geração de arminianos clássicos.

O Acróstico “FACTS”

Outra forma de abordar os Cinco Artigos da Remonstrância é pelo acróstico FACTS. Muita gente pensa que o FACTS é uma resposta aos cinco pontos do calvinismo, conhecidos como TULIP. No entanto, a verdade histórica é que os cinco pontos arminianos foram apresentados primeiro pelos remonstrantes. É muito interessante apresentar neste trabalho uma explanação resumida e simplificada do FACTS, que nada mais é que uma representação concisa do que acreditam os arminianos adeptos do arminianismo clássico.

Free by Grace (to Believe) – Livre pela graça (para crer)
Atonement for All – Expiação para Todos
Conditional Election – Eleição Condicional
Total Depravity – Depravação Total
Security in Christ – Segurança em Cristo

Para facilitar a compreensão do FACTS, analisaremos seus pontos em ordem teológica no que tange à soteriologia, isto é, estudaremos não na ordem em que está disposto, mas na lógica arminiana sobre a queda e a salvação do ser humano.

* *Depravação Total* — tanto Armínio quanto Calvino concordam nesse ponto. O ser humano, ao desobedecer ao Criador, caiu de sua primeira condição, santa e íntegra, para uma condição degenerada e depravada. Nessa atual condição, não existe no ser humano capacidade volitiva para querer fazer o bem (entendendo que esse “fazer o bem” é desejar agradar a Deus e buscá-lo). Isso não significa, contudo, que o homem é tão mal quanto pode ser, totalmente e irremediavelmente mal e perdido, situação essa em que estará quando no inferno — a separação última e total de Deus. A condição de nossa natureza, corrupta e depravada, influencia cada uma de nossas decisões, fazendo de nós pecadores debaixo do juízo divino.

Explicando em poucas palavras, toda a inclinação da nossa natureza é para o pecado. Sendo alguém salvo da condenação, é por total mérito e iniciativa divina. Essas premissas estão mais pormenorizadamente expostas no Artigo III da Remonstrância.

* *Expiação para Todos* — isso equivale a acreditar exatamente como expresso em João 3.16. Deus deseja, conforme a Bíblia, que todas as pessoas sejam salvas e conheçam a verdade. Assim sendo, entregou seu único Filho para morrer no madeiro, trazendo expiação a todo que crê. Cremos que o Senhor Jesus morreu pelos pecados de todos, sendo, portanto, perfeitamente possível que qualquer dentre toda a humanidade alcance o perdão e a salvação mediante a fé, conforme o Artigo II.

* *Livres pela Graça* — Deus chama a todos para servi-lo, para se arrepender e para participar das bênçãos da salvação. No entanto, estando o homem em total depravação, jamais poderia por si só corresponder afirmativamente ao chamado de Deus, sendo para isso necessária a atuação da graça, que trabalha na consciência humana a fim de libertá-la da influência do pecado até um nível em que haja segurança para que o indivíduo apresente uma resposta livre, atribuindo-lhe assim responsabilidade. Esse agir da graça deve ser compreendido como habilitação, e não ainda como regeneração, algo que ocorrerá pós-conversão. Crer desse modo implica afirmar que essa mesma graça pode ser resistida pela consciência livre, de acordo com o Artigo IV da Remonstrância.

* *Eleição Condicional* — leva esse nome exatamente por impor uma condição para ser eleito. Nesse caso, Deus elegeu para salvação o povo que creria em seu Filho, ou seja, a condição para ser salvo é a fé em Jesus. O Criador elegeu para ser seu povo todo aquele que creria em Jesus. Também é conhecida como “eleição corporativa”, uma vez que aqueles que creem formam uma corporação. Nesse sentido, o indivíduo torna-se eleito a partir

do momento em que crê em Jesus, e continua sendo eleito enquanto perseverar crendo, conforme explicado no Artigo I.

* *Segurança em Cristo* — isso quer dizer que, uma vez salvo, o crente é auxiliado pelo Senhor de modo a conseguir continuar crendo e confiando em Cristo. Assim como necessitamos de capacitação e habilitação para crer, assim também precisamos dessa mesma graça para continuar crendo. Desse modo, Deus nos protege das forças degenerativas irresistíveis que nos levariam a não mais confiar em Cristo para a salvação, guardando-nos e nos preservando, como está mais bem elucidado no Artigo V da Remonstrância.

Graça Preveniente

Calvinistas e arminianos estão de acordo com a doutrina da depravação total e que, sem atividade divina, o ímpio não tem condições de escolher Deus, estando inclinado para o pecado. E por ser o homem totalmente depravado, faz-se necessária uma ação graciosa da parte de Deus, preparando o homem a tomar uma decisão em relação ao evangelho e à ação do Espírito Santo, uma vez que a depravação da sua natureza a torna insuficiente para gerar o arrependimento e a compreensão adequada do evangelho. Essa ação graciosa é chamada por Armínio de *graça preveniente*, ou *preventiva*, ou ainda, *precedente*. Em outras palavras, seria uma sedução enviada por Deus a fim de dispor o ouvinte do evangelho a compreender seus princípios para, assim previamente preparado, possa fazer sua escolha, livre de determinações. No entanto, essa cooperação não faz do homem um co-salvador ou mesmo um salvador de si mesmo. A salvação advém de Deus, e pertence somente a Deus! Tendo a graça preveniente liberto a consciência das influências más, o homem encontra-se na condição *sine qua non* para se posicionar ante ao apelo da mensagem do evangelho. Armínio reconhecia a necessidade da graça divina para que haja qualquer tipo de bem:

> Desta maneira, atribuo à graça o início, a continuidade e a consumação de todo o bem, de tal forma que, sem a sua influência, um homem, mesmo já estando regenerado, não pode conceber, nem fazer bem algum, nem resistir a qualquer tentação do mal, sem esta graça emocionante e preventiva, que coopera com o homem.[9]

Arminianismo Não É Pelagianismo

Existe em nossas igrejas um incontável número de crentes que, acreditando serem arminianos, lamentavelmente são pelagianos, sem consciência de sua heterodoxia. Mas esses irmãos devem ser orientados na doutrina. Trata-se, nesse caso, de crentes ignorantes na fé, e não de hereges. Infelizmente, alguns calvinistas, vez ou outra, observam essa ignorância e acabam por associar o arminianismo ao pelagianismo. Não há como não apontar essa associação como infantil e descabida. Para entendermos melhor essa controvérsia, torna-se salutar compreendermos não somente as ideias arminianas, mas também, a título de comparação, as pelagianas.

Pelágio foi um teólogo britânico do quarto século da era cristã. Não são poucos os pontos conflitantes entre a teologia pelagiana e a arminiana, mas iremos trabalhar com a divergência fundamental entre ambas, que trata da natureza humana. Pelágio não acreditava na existência do pecado original, ou melhor, ele acreditava que houve um primeiro pecado, mas não que este pudesse ser herdado ou que pudesse contaminar o restante da raça humana. Isso equivaleria a dizer que a condição humana não é depravada e que, portanto, o homem seria perfeitamente capaz de produzir boas obras, nascendo sem pecado. Diferentemente, Armínio acreditava e reconhecia a depravação causada pelo pecado original herdado e, portanto, transferido a todos os seres humanos.

No quinto século da era cristã, um movimento tentou remodelar a doutrina pelagiana, defendendo a ideia de que a natureza humana é parcialmente depravada, sendo assim parcialmente capaz para a fé e para a escolha pelo bem. Em outras palavras, ainda havia, segundo esse pensamento, um resíduo no homem que o possibilitava escolher seguir a Deus e ter fé.

É facilmente constatável a gritante diferença entre o que Pelágio e Armínio criam! Portanto, a acusação de que o arminianismo equivale ao

pelagianismo ou ao semipelagianismo é infundada, pois a doutrina de Pelágio consiste em (a) negar o pecado original; (b) afirmar ser possível cada ser humano decidir por si mesmo fazer o bem ou o mal; (c) a Lei era um guia para o céu em pé de igualdade com o evangelho; e (d) é perfeitamente possível viver sem pecado uma vez que o homem tem poder de escolha, isto é, livre-arbítrio. Observe que tais palavras jamais foram pronunciadas por Armínio, nem cridas por seus seguidores, salvo raras exceções que, posteriormente, debandaram-se para o semipelagianismo. Para Armínio e os remonstrantes, todo homem nasce espiritual e moralmente em estado de total depravação e, por isso, é incapaz de buscar ou desejar qualquer bem diante de Deus sem que este o ampare com sua graça precedente. Tal incapacidade é física, intelectual e volitiva, sendo essa incapacidade chamada de “impotência para o bem”. Apenas pela graça, os efeitos do pecado original podem ser superados e o ser humano poderá cumprir os mandamentos espirituais de Deus.

Objeções à Doutrina Calvinista da Predestinação

É claro que a discussão teológica acerca dos pontos de calvinistas e arminianos não se limita à temática da predestinação e do livre-arbítrio, mas certamente há diferenças importantes nesse sentido.

Para citar uma das várias implicações da doutrina calvinista da predestinação, tomemos como exemplo o preço da salvação do ser humano. Desenvolvendo o raciocínio, colocaríamos da seguinte forma: Se o homem foi predestinado para a salvação por decreto divino, não deixando assim possibilidade ao homem para escolher ou não seguir a Deus, então a crucificação de Jesus seria secundária e não essencial, uma vez que a predestinação foi primária e essencial. Seria o mesmo que afirmar doutrinariamente, segundo essa ótica, que a morte de Cristo serviu apenas para cumprir um protocolo, e não um ato gracioso da parte de Deus.

Outro exemplo dessas implicações seria a autoria do pecado. Se Deus tivesse decretado a eleição anteriormente à queda do homem, decorreria disso que a queda teria sido desejada por Ele, sendo Deus, portanto, o autor do pecado, fazendo parecer que a reprovação e condenação do homem ao inferno tenha sido pré-concebida e pré-determinada por Deus. Faria parecer que o homem não cairia em pecado não fosse a determinação divina para tal.

João Wesley, pregador anglicano do século XVIII, sobre o qual falaremos mais no terceiro capítulo, também se opunha à doutrina calvinista da eleição, acreditando ser esse sistema a representação de uma divindade tirana, despótica e, portanto, contrária ao relato bíblico sobre um Deus amoroso e gracioso. Em sua obra *Predestinação Calmamente Considerada*, Wesley argumenta que, na multiforme sabedoria de Deus, foram postos diante dos homens o bem e o mal, a vida e a morte, e que forçar o homem em alguma direção seria agressão ao livre-arbítrio. Também expõe que o desejo de Deus é que “todos os homens sejam salvos, mas sem forçá-los a

isso, querendo que todos os homens sejam salvos, mas não como árvores ou pedras, e sim como homens, como criaturas inteligentes, dotadas de entendimento para discernir o que é bom e de liberdade para aceitá-lo ou recusá-lo". Seguindo essa linha de raciocínio, Wesley defende que Deus coloca a vida e a morte perante o homem e então, sem o forçar, o convence a escolher a vida. Também argumenta que o ser humano não pode ser condenado por algo do qual não tem culpa, bem como uma pedra não pode ser punida por ser jogada ao chão. Em outras palavras, o homem só poderia ser condenado por Deus por algo de que realmente tenha culpa e responsabilidade, não sendo uma máquina que irracionalmente cumpre seu papel sem poder de escolha. "Será este homem sentenciado a ir para o fogo eterno preparado para o diabo e os seus anjos por não fazer o que ele nunca foi capaz de evitar?", pergunta o pregador anglicano. Wesley argumenta que, segundo a doutrina calvinista da predestinação, o homem é condenado ao inferno, e o culpado pela condenação é Deus: "A respeito daquele que, sendo capaz de livrar milhões da morte apenas com um sopro de sua boca, se recusasse a salvar mais do que um dentre cem e dissesse: 'Eu não faço porque não o quero', como exaltarmos a misericórdia de Deus se lhe atribuirmos tal procedimento?"

Assim como qualquer leitor que se depara pela primeira vez com a doutrina calvinista da predestinação, Wesley igualmente levanta um questionamento lógico quanto à necessidade da pregação e da evangelização. Afinal, se existe uma eleição, há de ser que toda a pregação é vã, e toda a obra missionária, de igual modo, desnecessária, pois, se os salvos já foram infalivelmente escolhidos, não haveria razões para a existência de evangelização e de obras missionárias. Aos não escolhidos, segundo pensou Wesley, caberia a danação, quer com a pregação, quer sem ela. Aos escolhidos, caberia a salvação, quer com a pregação, quer sem ela. Portanto, nesse sistema, qual a serventia real da pregação?

Com isso, o peso de todos esses argumentos juntos fornece uma boa base para fundamentar a crítica à doutrina calvinista da eleição. Entretanto, o que apresentam os arminianos sobre essa doutrina bíblica?

A Doutrina Arminiana da Eleição

Arminianos que se prezam jamais negariam a doutrina da eleição. Pelo contrário, eles a amam porque aponta para a gloriosa obra de Cristo no Calvário (1 Pe 1.2), mas, apesar disso, arminianos interpretam a eleição de um modo diferente de como os calvinistas interpretam. Portanto, o debate aqui não é sobre a existência da eleição, mas quanto ao seu modo de operação. Enquanto o entendimento calvinista parte da escolha pessoal de Deus, a compreensão arminiana advoga uma eleição corporativa, onde Deus não pré-escolheu as pessoas, mas a Igreja. Não os israelitas, mas Israel. Não indivíduos salvos, mas a salvação. Não os redimidos, mas a redenção.

Armínio define a eleição como o decreto eterno e gracioso de Deus em Cristo, pelo qual ele determina justificar e adotar crentes, e os dotar com vida eterna, mas condenar os descrentes e impenitentes. Sob essa ótica, poderíamos colocar eleição e predestinação em lados opostos da balança. Enquanto na eleição existe necessidade de escolha por parte do homem, na predestinação essa necessidade é substituída pela decisão de Deus. Muitos arminianos creem que a eleição é a escolha condicional de Deus para a salvação, enquanto que a predestinação é o que Deus fará aos eleitos. Segundo Efésios 1.4, somos predestinados à sermos filhos de Deus. Resumindo, a eleição é o plano corporativo e condicional de Deus que abrange toda a humanidade, mas de tal modo que apenas os crentes usufruem dos seus benefícios salvíficos.

Arminianos creem no decreto de Deus, que ocorreu antes da fundação do mundo, a partir do qual decidiu salvar de entre a raça humana aqueles que creriam em sua mensagem e perseverariam na fé e na obediência até o fim. É um plano de redenção condicionado à fé daqueles que, “pela graça do Santo Espírito”, ou seja, não por uma fé própria, mas provida por Deus mediante sua graça preveniente (Hb 12.2). De mesmo modo, a condenação também faz parte do plano de Deus, abandonando os descrentes e

depravados contumazes sob o pecado e sob a ira, condenando-os como alheios a Cristo (Jo 3.36).

João Wesley classificou a eleição sob dois pontos de vista: um específico, objetivando o cumprimento de um distinto e particular propósito de Deus; e outro corporativo, como a salvação e a danação. Ele também acreditava que mesmo um eleito predestinado para uma tarefa — como Ciro, que reconstruiu o Templo, ou os doze apóstolos, para pregarem o evangelho — mesmo esses, podem vir a perder-se eternamente, pois assim diz a Escritura: “Aquele que crê será salvo, mas quem não crê será condenado”. Desse modo, todos os verdadeiros crentes são chamados eleitos nas Escrituras, e os descrentes são propriamente condenados. Partindo dessas premissas, poderíamos concluir que para Deus a experiência com o caminho da salvação é mais valioso que uma predestinação que violenta a vontade livre.

Arminianos, de um modo geral, conforme o primeiro capítulo de Efésios, creem que Deus elegeu, enfim, a Igreja para ser santa e irrepreensível (Ef 1.5), bem como também creem que a graça preveniente opera no livre-arbítrio, dando-lhe condições espirituais e intelectuais suficientes para aceitar ou rejeitar o evangelho, após compreendê-lo (Rm 8.30).

Arminianismo e a Bíblia

Quem lê a Escritura apressadamente terá a impressão de que ela é ambígua, e que há base tanto para calvinistas quanto para arminianos. Até certo ponto, isso é verdade. Por um lado, lemos na Bíblia que Deus é soberano e determinou tudo o que existe, que Ele predestinou os escolhidos para a salvação, que os não escolhidos não poderão ser salvos, que somente os eleitos entrarão no Reino de Deus, que “aquele “que vem a mim, de modo algum o lançarei fora” (Jo 6.37), e mais algumas dezenas de textos que seguem tal raciocínio. Por outro lado, podemos claramente constatar a existência de textos que apontam para a direção oposta, atribuindo ao homem a alternativa de escolha em relação às coisas de Deus: “quem crer e for batizado será salvo” (Mt 16.16), “tornai-vos para mim” (Zc 1.3), “quem perseverar até o fim será salvo” (Mt 24.13), “vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados” (Mt 11.28), “eis que estou a porta e bato” (Ap 3.20), etc. Por vezes, esse antinômio é tão assustadoramente presente, que aparece em uma única passagem: “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12,13).

Sendo assim, teremos grandes dificuldades para lidar com o assunto se não dividirmos essa seção em duas partes. A primeira, expondo e explicando flagrantes passagens que apontam para a responsabilidade humana em arrepender-se e crer, denotando aí um espaço para a escolha do homem. Na segunda parte, iremos refutar algumas alegações calvinistas baseadas em versículos da bíblia.

Vejamos como os remonstrantes se saíram ao elaborar seus argumentos com embasamento bíblico.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. (Ef 2.1-3, ARA)

> […] tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado, como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. (Rm 3.9-12)

ELEIÇÃO CONDICIONAL

> Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (Jo 3.16)

> E diziam à mulher: Já não é pelo que dissestes que nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo. (Jo 4.42)

> De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. (Jo 6.40, ARA)

> Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer desse pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. (Jo 6.51)

> E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê. (At 13.39)

> Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé. (Rm 1.16,17, ARA)

> Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. (Rm 9.30)

> Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. (Rm 5.1,2)

Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. (Ef 1.13)

Se trabalhamos e lutamos é porque temos colocado a nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem. (1 Tm 4.10, NVI)

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: graça e paz vos sejam multiplicadas. (1 Pe 1.1,2)

EXPIAÇÃO ILIMITADA

E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo. (1 Jo 2.2)

Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. (Is 53.6)

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve. (Mt 11.28-30, ARA)

Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos. (Mt 18.14. ARA)

Ele veio como testemunha, para testificar acerca da luz, a fim de que por meio dele todos os homens cressem. (Jo 1.7, NVI)

No dia seguinte, João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. (Jo 1.29)

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (Jo 3.16,17)

Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer desse pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. (Jo 6.51)

Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo. (Jo 12.47, ARA)

pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; (Rm 3.23,24, ARA)

Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. (Rm 5.6, ARA)

Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. (Rm 5.15)

Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. (Rm 10.13)

Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo. (1 Tm 2.3-6)

Se trabalhamos e lutamos é porque temos colocado a nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem. (1 Tm 4.10, NVI)

Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo a salvação a todos os homens. (Tt 2.11)

Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem. (Hb 2.9, ARA)

O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. (2 Pe 3.9)

E vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo. (1 Jo 4.14)

GRAÇA PREVENIENTE

Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. (Jo 6.44, NVI)

Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. (Lc 19.10)

Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo. (Jo 1.9)

E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. (Jo 12.32)

E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, para que

buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós. (At 17.26,27)

De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. (Rm 10.17)

Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. (Ef 2.8)

Que nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos, e que é manifesta, agora, pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho. (2 Tm 1.9,10)

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo. (Ap 3.20)

De longe se me deixou ver o Senhor, dizendo: Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí. (Jr 31.3, ARA)

Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado. (Jo 16.7-11)

Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento? (Rm 2.4)

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedecem ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. (Rm 10.14-17)

Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo a salvação a todos os homens. (Tt 2.11)

GRAÇA RESISTÍVEL

Atentai para a minha repreensão; eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras. Mas, porque clamei, e vós recusastes;

porque estendi a mão, e não houve quem atendesse; antes, rejeitastes todo o meu conselho e não quisestes a minha repreensão. (Pv 1.23-25, ARA)

QUANDO Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho. Mas, como os chamavam, assim se iam da sua face; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura. Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas; e lhes dei mantimento. Não voltará para a terra do Egito, mas a Assíria será seu rei, porque recusam converter-se. (Os 11.1-5)

E viraram para mim as costas e não o rosto; ainda que eu os ensinava, madrugando e ensinando-os, eles não deram ouvidos para receberem o ensino. (Jr 32.33)

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! (Mt 23.37)

Mas não ouviram, nem inclinaram os ouvidos, [...] e andaram para trás e não para diante. (Jr 7.24)

Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele. (Lc 7.30)

Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais. (At 7.51)

Mas nem todos obedecem ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? (Rm 10.16)

E nós, cooperando também com ele, vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão. (2 Co 6.1)

POSSIBILIDADE DE APOSTASIA

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e o expondo à ignomínia. (Hb 6.4-6, ARA)

Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados. (Hb 10.26)

> Irmãos, se algum de entre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma e cobrirá uma multidão de pecados. (Tg 5.19,20)
>
> E se alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado em lugar deles e feito participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriares, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti. Dirás, pois: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Está bem! Pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé; então, não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que te não poupe a ti também. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a benignidade de Deus, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado. E também eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar. Porque, se tu foste cortado do natural zambujeiro e, contra a natureza, enxertado na boa oliveira, quanto mais esses, que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira? (Rm 11.17-24)
>
> A vós também, que noutro tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, contudo, vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para, perante ele, vos apresentar santos e irrepreensíveis, e inculpáveis, se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro. (Cl 1.21-23)
>
> Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. (2 Pe 1.10)
>
> Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, torna-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado. Deste modo, sobreveio-lhes o que por um verdadeiro provérbio se diz: O cão voltou ao seu próprio vômito; a porca lavada, ao espojadouro de lama. (2 Pe 2.20-22)
>
> Portanto, não podendo eu também esperar mais, mandei-o saber da vossa fé, temendo que o tentador vos tentasse, e o nosso trabalho viesse a ser inútil. (1 Ts 3.5)

Alguns comentários fazem-se necessários:

Josué 24.15 – Esse é um dos textos que mais traz luz sobre o assunto, deixando cristalina a possibilidade de resposta afirmativa ou negativa sob

pena de ser responsabilizado conforme a escolha que fizer.

Mateus 16.24 – A cruz era instrumento de tortura e morte, e aqui faz alegoria à necessidade de dedicação total, até a morte, por parte dos verdadeiros seguidores. Nesse processo, encontramos algo interessante: negar-se a si mesmo. É um critério interessante, que coloca sobre os ombros do discípulo a decisão de não permitir que o ego seja o centro de sua vida e o principal alvo de seus atos e buscas. Negar-se a si mesmo e tomar a cruz é a disposição de sofrer e morrer por amor a Jesus, e implica decisão e responsabilidade.

Mateus 23.37 – Essa lamentação de Jesus por Jerusalém leva-nos a acreditar que Ele esteve ali mais vezes do que os Evangelhos Sinóticos relatam (Jo 2.13; 4.45; 5.1; 7.10; 10.22). Por diversas vezes, o Senhor quis trazer Jerusalém para perto de si, como uma ave amorosamente abraça seus filhotes. Podemos ir ainda mais longe: essa declaração faz menção a tempos passados, de quando Jerusalém assassinava os profetas que denunciavam os pecados da cidade. O texto não deixa dúvidas quanto à responsabilidade dos homens diante da condenação, e quanto à intenção de Jesus, frustrada segundo suas próprias palavras. Jesus desejou tê-los para si, mas foi rejeitado.

Mateus 24.13 – A perseverança é um assunto polêmico entre calvinistas e arminianos. Mas uma análise sincera e equilibrada das passagens bíblicas nos levarão a crer que, uma vez liberto pela graça, cabe ao homem o peso da escolha em perseverar ou desistir. E só será salvo aquele que persistir até o fim.

Lucas 7.30 – O evangelho tem em sua composição alguns elementos de amplo espectro, como por exemplo, o arrependimento. Os publicanos, ao aceitarem o batismo de João, demonstraram disposição em se arrepender. Os fariseus, por sua vez, rejeitaram a mensagem divina. Essa rejeição à Palavra de Deus deixa patente ao leitor a possibilidade de escolha diante do

evangelho. O arrependimento é uma resposta da parte do homem, que Deus aguarda e, portanto, exprime a premissa arminiana de que ao ser humano estende-se a liberdade para resposta ao chamado divino.

Lucas 13.3 – A perseverança é um indício de um coração convertido a Deus. A ênfase na necessidade de persistir até o fim faz, no mínimo, supor que todos os que assim não procederem cairão em condenação.

João 3.16 – Essa é a grande verdade que motivou o plano divino da salvação. Nosso Pai amou a todos, e por isso deu seu único Filho. Amou a todos, incontestavelmente, e todo aquele que nEle crer alcançará a salvação. Negar essa premissa seria o mesmo que afirmar ser o Evangelho de João falso e sem crédito.

João 6.40 – Para adentrar a vida eterna, faz-se necessário crer em Nosso Senhor. Ele assim determinou. Esse pré-requisito acompanha uma porção de responsabilidade humana. Vê-se um Deus cobrando do discípulo uma resposta de fé.

Atos 7.51 – A circuncisão física não é capaz, como mostra o texto, de circuncidar (consagrar) o coração de maneira profunda e genuína. Ora, se realmente não existe no homem capacidade para responder afirmativa ou negativamente a Deus, como os judeus de Atos 7 conseguiram tal façanha? Concluímos que essa capacidade só é possível com a graça preveniente advinda ao homem, pela vontade soberana de Deus.

2 Coríntios 5.14 – O alcance da expiação de Cristo, segundo Paulo, é universal. Como o Senhor morreu por todos, incluiu todos em sua morte, sendo unidos a Ele pela fé, morrendo para o pecado e para o mundo, e sendo unidos a Cristo para o seu Reino.

2 Coríntios 6.1 – Eis um texto de difícil compreensão, dando margem para inúmeras interpretações e conjecturas. Uma das possíveis interpretações é a de que essa graça citada pelo apóstolo seja a mensagem

graciosa do evangelho, que pode ganhar a simpatia do ouvinte, convencendo-o intelectualmente, mas não o convertendo de coração. Não nos atendo, exatamente, ao que significa esse texto, mas sim ao foco de nosso estudo, podemos depreender que a graça de Deus pode não somente ser resistida, mas também pode ser acolhida em vão. É uma escritura muito clara quanto à possibilidade de rejeição à graça de Deus.

Hebreus 2.9 – Como vimos, é abundante a quantidade de textos no Novo Testamento que afirma ser o sacrifício de Cristo um ato gracioso em favor de todos. Na cruz, Jesus identificou-se conosco no nível mais profundo da agonia e assim se tornou apto para pagar o preço da nossa imperfeição. E o fez tendo em vista alcançar a todos os pecadores.

Hebreus 12.5 – É possível esquecer a correção do Senhor, desprezar a exortação de outrora, dar as costas para a disciplina de Deus? O autor da Carta aos Hebreus chama a atenção quanto ao perigo de entregar-se à irreverência e de não mais lembrar-se dos conselhos do Senhor. Esse perigo é real e todo crente é vulnerável se não for fiel até o fim, perseverando em oração e leitura da Bíblia. Até mesmo o leitor leigo que contempla esse versículo percebe a porção de responsabilidade humana em responder afirmativamente à mensagem divina.

2 Pedro 3.9 – Ora, sendo Deus um ser que deseja que todos os homens cheguem ao arrependimento, para que nenhum se perca, logo podemos concluir que Ele chama ao arrependimento e à salvação todos os seres, e não somente um grupo seleto.

1 Timóteo 2.4-6 – Deus não deseja apenas o arrependimento de todos, como também deseja salvar a todos os homens. As Escrituras não deixam dúvidas quanto ao desejo que está no coração de Deus, de que todos cheguem ao conhecimento da verdade. Por isso, entregou seu Filho como resgate por todos.

1 Timóteo 4.16 – A salvação é tanto um evento quanto um processo. Nossa salvação se dá por ocasião da conversão, mas igualmente importante é o processo pelo qual continuamos a ser salvos por ficarmos, cada vez mais, ajustados à imagem de Cristo (1 Co 1.18). Somente Deus pode salvar, mas o homem pode fazer a escolha de ser instrumento dEle para levar a cabo a salvação do próximo. Negar-se a tal persistência poderá resultar em perda da salvação (como sugere o texto) e à sonegação da mesma salvação aos que nos cercam.

2 Timóteo 2.12 – Severa advertência quanto a permanecer confessante e atuante. Não existe cristão genuíno que não seja confessante e perseverante. Todo crente que seja verdadeiramente salvo toma postura de jamais negar o Senhor. O apóstolo aponta para o perigo de, inclusive, ser negado por Cristo diante do Pai (Mt 10.33).

1 João 2.2 – A imparcialidade divina quanto aos indivíduos que serão salvos é indubitavelmente expressa nesse texto. O perdão e a graça de Deus não estão de modo algum limitados a um grupo seleto, mas sim têm aplicação mundial, universal.

Tito 2.11-13 – A graça (amor imerecido da parte de Deus, demonstrado em Cristo) manifestou-se salvadora a todos os homens, instruindo, encorajando, corrigindo e disciplinando. As portas da salvação estão abertas, segundo as Escrituras, a toda a humanidade, por meio da cruz de Cristo.

Apocalipse 22.17-19 – A graça abundante de Nosso Senhor oferece suas benesses a todos, e lança o convite para todo aquele que quiser, abençoando grandemente. Em contrapartida, há o risco de ser excluído dos queridos do Senhor, mediante recusa do convite, como mostra o texto.

A graça preveniente liberta a consciência do homem e o desperta, para que assim, desperto e livre, possa fazer sua escolha. Biblicamente, o ser

humano pode resistir ao Espírito Santo, pode desejar perseverar, bem como desejar a apostasia; pode querer servir a Deus, bem como pode querer distanciar-se do evangelho. Aliás, mesmo após salvo, pode o homem afastar-se de Deus e seus caminhos.

Refutando o Calvinismo

Há uma coleção de versículos usada por calvinistas a fim de apregoarem, entre outras coisas, a predestinação individual e a irresistibilidade da graça. Comentaremos alguns desses textos.

> *Romanos 8.29.30 – "Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou".*

Essa escritura aparentemente afirma que Deus predestinou os salvos, como querem os calvinistas, que sustentam que o Senhor não somente nos conhecia antes de nossa existência, mas também que Ele nos escolheu (predestinou) antes mesmo da fundação do mundo. O problema com essa interpretação é o mesmo com todas as outras interpretações falhas — carecem de análise mais profunda dentro do contexto e do assunto central do texto. Ora, essa predestinação da qual Paulo fala faz menção ao adequar-se moralmente ao caráter de Cristo, como deixa claro o versículo 29: "Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho […]". Em outras palavras, Deus destinou previamente que todos os que creriam em seu evangelho deveriam amoldar-se ética e moralmente a Jesus, para honrá-lo, nada tendo que ver com a predestinação afirmada no ensino de Calvino. E, no versículo 30, Paulo faz um resumo de como Deus leva a efeito essa predestinação — aos que predestinou (a Igreja), também chamou (pela sua graça); a esses também justificou (pela crucificação de Jesus); a esses também glorificou (juntamente com Cristo).

> *Atos 13.48 – "E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se, e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna".*

Não há como negar que esse texto demonstra a fé humana agindo em conjunto com a vontade divina. Mas a chave para a compreensão desse texto está em Isaías 49.6, citado por Paulo em resposta aos judeus — Deus designou também os gentios para a salvação (At 13.46,47). Ou seja, creram os gentios, isto é, toda uma variedade de povos pagãos, que foram designados para a salvação tanto quanto os judeus.

> *Efésios 1.4,5 – "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor, e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade".*

A carta de Paulo à igreja de Éfeso cita não poucas vezes a doutrina da eleição. Somente nesse capítulo, o apóstolo a coloca quatro vezes em evidência (vv. 4,5,11). Olhando atentamente para o texto, constataremos que a doutrina da eleição expressa na Bíblia fala da Igreja escolhida, e não de indivíduos predestinados. Paulo diz que Deus nos escolheu nEle (Cristo), e que somos predestinados para sermos adotados como filhos, por intermédio de Jesus. Isso nos leva a perceber que a eleição trata-se da Igreja, e não de indivíduos.

> *João 13.18 – "Não falo de todos vós; eu bem sei os que tenho escolhido; mas para que se cumpra a Escritura: O que come o pão comigo levantou contra mim o seu calcanhar".*

Para alguns estudiosos da bíblia, o trecho desse versículo que fala que Jesus conhece os que escolheu, dá a entender que Ele escolheu os seus, os salvos, indivíduo por indivíduo. Mas uma leitura franca e sincera mostrará que Jesus estava, na ocasião, referindo-se aos apóstolos presentes no lava-pés, isto é, que Jesus não era incompetente e conhecia muito bem aqueles que ele escolheu para serem apóstolos. Ele estava preparando os discípulos para ouvirem acerca da traição. De modo algum essa passagem daria suporte à ideia de predestinação conforme entendida pelos calvinistas.

> *2 Timóteo 1.9 – "Que nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos".*

É impossível compreender esse versículo isolando-o dos dois anteriores e dos três conseguintes. No versículo 8, Paulo introduz o assunto maior, o evangelho que é a manifestação do poder de Deus, para então, a partir do versículo 9, explanar sobre os efeitos desse evangelho sobre a igreja (vv. 9-12). Em outras palavras, foi a mensagem do evangelho que salvou e chamou com santa vocação, assim determinado pela graça de Deus, e não uma eleição que apontaria para alguns seletos indivíduos.

> *2 Tessalonicenses 2.13,14 – "Mas devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade, para o que, pelo nosso evangelho, vos chamou, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo".*

O capítulo em questão inicia-se falando sobre o líder das forças do pecado nos tempos do fim, e sobre o povo que rejeitou a verdade de Jesus e do seu evangelho, que poderia salvá-los. Então o autor da carta fala sobre a Igreja que é salva mediante a fé nessa verdade, e mediante a obra separadora do Espírito Santo, dirigindo suas palavras aos leitores crentes de Tessalônica. Não é difícil entender, sob uma leitura panorâmica da carta, que Paulo refere-se a uma eleição condicional e corporativa.

> *João 6.39 – "E a vontade do Pai, que me enviou, é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último Dia".*

Essa passagem é muito usada por calvinistas, que afirmam ser o crente um ser previamente escolhido por Deus, que, por sua vez, os entrega a Jesus para que jamais percam a salvação. Mas o versículo 40 esclarece toda a

polêmica, mostrando que a entrada na vida eterna se dá pela fé, e isso implica responsabilidade humana.

> *Marcos 13.27 – "E ele enviará os seus anjos e ajuntará os seus escolhidos, desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu".*

Aqui, como também nos versículos 20 a 22, a expressão "eleitos" pode perfeitamente ser entendida como "povo de Deus".

> *Romanos 11.5-9 – "Assim, pois, também agora neste tempo ficou um resto, segundo a eleição da graça. Mas, se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Pois quê? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos. Como está escrito: Deus lhes deu espírito de profundo sono, olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem, até ao dia de hoje. E Davi diz: Torne-se-lhes a sua mesa em laço, e em armadilha, e em tropeço, por sua retribuição".*

É de suma importância, em qualquer ocasião em que se estuda a Bíblia, conhecer o assunto a que se trata o texto estudado. Como em outros casos, não podemos isolar o capítulo 11 dos outros textos que o orbitam. Na realidade, o assunto em voga começa no capítulo 9: o problema da rejeição de Israel, passando pelo juízo por causa dessa rejeição (9.1-29) e pela causa dessa rejeição (9.30—10.21). No capítulo 11, Paulo diz que a rejeição não é total nem definitiva, mas que existe um remanescente escolhido pela graça. Isso equivale a dizer que Israel tentou buscar justiça obedecendo à Lei sem fé, como que por obras somente, enquanto que esses israelitas remanescentes fiéis buscam a fé e clamam pela graça. Por isso, são chamados de eleitos e escolhidos pela graça, em vez de escolhidos pela Lei. O autor discorre sobre tudo isso a fim de ensinar aos gentios que eles são enxertados na família de Deus, que não descendem diretamente do povo escolhido, mas sim passaram a pertencer a ele pela fé (11.11-24). Podemos deduzir que o assunto aqui não é a eleição, mas sim a maneira como Deus, pela sua soberania, estendeu a salvação até os gentios.

> *Colossenses 3.12 – "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade".*

Israel era o povo eleito de Deus. Paulo faz analogia com a Igreja, que deveria se comportar como Israel, descendência escolhida (Dt 4.37), não economizando esforços para viver de acordo com a vontade de Deus.

> *1 Pedro 1.2 – "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: graça e paz vos sejam multiplicadas".*

Novamente, obrigo-me a buscar o assunto maior, a viga mestra do texto. Parece que temos aqui um caso de saudação com destaque para apresentação e reafirmação da Trindade. Segundo Pedro, as três pessoas da divindade são ativamente participantes da redenção do homem. Aqui, quem predestinou os salvos foi o Espírito Santo por sua obra santificadora, estando em conformidade com a onisciência do Pai. Repare que a escolha feita por Deus tem por finalidade gerar no crente obediência a Jesus e levá-lo a tomar posse dos benefícios da redenção (aspersão do seu sangue), o que equivaleria a afirmar que a eleição mencionada nesse texto tem caráter volitivo (que influi na vontade do ser), ensinando-o a amar e obedecer a Cristo. Não é uma eleição para definir quem seria salvo, mas para pré-determinar que os salvos seriam obedientes ao evangelho.

> *Apocalipse 17.14 – "Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos e fiéis".*

Não sobra espaço nas Escrituras para contestar a soberania de Cristo. Todas as coisas foram feitas por Ele, por intermédio dEle, para Ele e nEle. Logo, aqueles que descansam em sua sombra desfrutarão os benefícios de sua soberania. Os eleitos, a saber, a Igreja, vencerão juntamente com Ele.

Não há nesse versículo a menor pretensão de supra ou infralapsarianismo. O texto ressalta a soberania de Nosso Senhor!

> *Mateus 22.14 – "Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos".*

Esse versículo é um resumo, em forma de provérbio, da lição ensinada na parábola que lhe antecede. "Chamados" aqui assume o sentido de convidados. Deus convida a muitos (todos, se considerarmos a semântica semítica em "muitos") para o seu Reino, mas poucos são escolhidos por Ele. Essa escolha acontece não de modo arbitrário, mas gracioso, mediante a aceitação do chamado, seguido de comportamento adequado como um sinal de coerência à eleição.

> *Mateus 24.24 – "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos".*

Mais uma vez, o povo de Deus é alcunhado como "eleitos". A fidelidade dos escolhidos é quase palpável de tão evidente, e sua firmeza na doutrina é exemplar e inexorável. Essas características, de tão presentes, causam grandes dificuldades ao mais astuto dos hereges, que recorrerá a sinais "maravilhosos" a fim de demovê-los da fé.

> *Mateus 25.34 – "Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo".*

Texto interessantíssimo, que encanta pelo caráter escatológico e pelo cumprimento da maior das promessas. Há, dentre tantas interpretações, duas mais aceitas e recorrentes sobre esse texto. A primeira diz que esse julgamento acontecerá no princípio de um Reino milenar, e seu objetivo será determinar quem entrará nesse Reino. A segunda pressupõe que ocorrerá diante do grande trono branco (Ap 20.11-15). Mas não existe aqui

menção alguma à doutrina da predestinação. Diz apenas que o Paraíso está preparado para os salvos desde a criação do mundo.

> *Efésios 2.1-10 – "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também. Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas".*

O raciocínio calvinista sobre esse texto se desenrola da seguinte maneira: se todos, judeus e gentios, estão mortos, segue-se que não têm capacidade de crer ou aceitar coisa alguma. Assim, somente por meio de uma vivificação realizada por Deus, os pecadores poderiam se despertar a crer. Aquele que não responde afirmativamente ao evangelho não foi vivificado e, portanto, se não são todos os que recebem vida para poder crer, então há uma eleição. Esse raciocínio está equivocado! O capítulo 2 de Efésios, na realidade, não é um capítulo da carta com tema independente, mas a continuação de um assunto que começa a ser explanado no primeiro. Aliás, os primeiros três capítulos deveriam ser um só, por tratarem do mesmo assunto (lembrando que a Bíblia não foi escrita com divisão de capítulos). Paulo começa dissertando acerca do propósito eterno de Deus, que culmina em convergir em Cristo todas as coisas do universo (1.10), ou seja, que tudo seja para sua honra e glória. Até mesmo a nossa salvação não é apenas para o nosso benefício, mas para trazer louvor e glória a Deus (1.5-14). Após fazer essa introdução, Paulo entra no tema "propósito eterno de Deus", mostrando que o Senhor reconciliou consigo a humanidade (2.1-

10), construiu a ponte que uniria povos mediante a fé em Cristo (2.11-22) e, unindo esses indivíduos, formou a sua Igreja (3.1-6). Fica evidente que as referências do apóstolo à eleição apontam para a igreja e para a sua glória. É uma eleição corporativa. Repare que todas as vezes em que aparecem no texto a eleição e a vivificação sempre estão diretamente ligadas ao nome e obra de Cristo. Seu evangelho e sua cruz trazem vida e geram fé. É a manifestação da graça de Deus! Diferentemente do que diriam os calvinistas, o tema do capítulo 2 não é a predestinação, mas os passos para a realização do eterno propósito divino.

> *Romanos 9.11-13 – "Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei a Jacó e aborreci Esaú".*

À primeira vista, esse texto parece afirmar a existência de uma eleição individual. Mas há princípios de interpretação bíblica que regem a maneira como a lemos e entendemos. Um desses princípios diz que não se podem isolar textos da Bíblia, mas que devemos comparar o trecho estudado com outros textos que tratam do mesmo assunto. E, especificamente nesse trecho, apelo para Malaquias 1.2,3 — que claramente demonstra ser essa eleição referente à nação. O Senhor disse à Rebeca: "Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor" (Gn 25.23).

> *Marcos 4.10-12 – "E, quando se achou só, os que estavam junto dele com os doze interrogaram-no acerca da parábola. E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do Reino de Deus, mas aos que estão de fora todas essas coisas se dizem por parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam, para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados".*

No Novo Testamento, "mistério" refere-se ao que foi revelado, e não descoberto. Em outras palavras, é aquilo que o homem não consegue

descobrir a não ser por primeira e única disposição divina em revelá-lo. Aos discípulos foi dada a revelação do Reino de Deus, para que creiam. E aos que estão de fora (do chamado para o discipulado), tudo (sobre o Reino) é dito por parábolas. E então, Jesus cita Isaías 6.9,10, comparando o seu ministério de pregação com o de Isaías, cujo objetivo era endurecer ainda mais o coração do Israel rebelde, a fim de que essa rebeldia ficasse revelada e patente, e não mais velada e latente. Aqui não há evidência alguma de eleição incondicional, mas sim há várias evidências do trabalhar de Deus no coração dos que creem e também no dos que se rebelam.

---

[6] WYNCOOP, Mildred Bangs, p. 53.

[7] H. Orton Wiley, *Introdução à Teologia Cristã*. São Paulo, SP: Casa Nazarena de Publicações, 1990, p. 270.

[8] *Obras de Armínio*, vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 284, 285.

[9] *Obras de Armínio*, vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 285.

3

A TEOLOGIA WESLEYANA

Dai-me cem homens que nada temam senão o pecado, e que nada desejam senão a Deus, e eu abalarei o mundo.
— João Wesley

Nascido em Epworth, Inglaterra, em 17 de junho de 1703, João Wesley foi um clérigo anglicano e precursor do metodismo, além de avivalista e grande expoente da teologia arminiana. Sendo o décimo quinto filho de um ministro anglicano, foi educado sob a espiritualidade firme e vigorosa de sua mãe, Susana Wesley.

Viveu em uma Inglaterra agitada pela Revolução Industrial, em que o número de desempregados era cada vez maior, onde as ruas se apinhavam de mendigos, de vícios e de violência, e a política degenerava-se em corrupção. O cristianismo, por sua vez, em suas várias maneiras de se expressar, atrofiava-se e apostatava, influenciado pela frieza espiritual e pela imoralidade.

Diante dessa deprimente e degradante situação, alguns homens da Inglaterra levantaram-se em voz de protesto, e um desses homens foi o grande João Wesley, primeiramente quando estudante em Oxford, e depois como líder no meio do povo.

Sua vida foi marcada pelo fogo, a começar na infância. Foi o último a ser resgatado, de forma miraculosa, de um incêndio que consumiu toda a sua casa. Após esse episódio, sua mãe passou a dedicar-lhe grande atenção por entender que o Senhor o havia poupado para uma grande obra. Aos cinco anos, começou a ser alfabetizado tendo o livro de Salmos como cartilha, e continuou estudando com a mãe até os 11 anos, ingressando logo após em escola pública e assim permanecendo por seis anos. Finalmente, aos 17 anos, foi para a universidade de Oxford, onde se reunia com um grupo de estudantes para meditação bíblica e oração, sendo conhecidos como “Clube Santo”. Os colegas universitários, observando que os adeptos

de tal grupo eram extremamente disciplinados quanto a horário e método, os apelidaram de metodistas. Com o tempo, o próprio Wesley passou a chamá-los de “metodistas de Oxford”.

Após exercer um trabalho ministerial em presídios, com oração e evangelismo, Wesley passa a se preocupar sobremaneira com a questão social de sua nação e com a miséria que se instalara na Inglaterra. Tendo se graduado em Teologia, ajuda, a partir de então, seu pai na direção da igreja anglicana até os 32 anos, ocasião em que se sensibilizou com um chamado — havia a necessidade de missionários na Virgínia, Nova Inglaterra. Disposto a doar-se na evangelização dos índios, Wesley parte para os Estados Unidos, retornando dois anos depois, frustrado e contrariado em sua fé. Assim se expressou pelo que sentia: “Fui à América evangelizar os índios, mas quem me converterá?”. Durante a travessia do Atlântico, uma terrível tempestade os abateu, marcando para sempre a vida do pregador. Enquanto estava desesperado com a possibilidade de sucumbir à tempestade e desaparecer para sempre nas profundezas do oceano, alguns cristãos morávios cantavam e louvavam a Deus com grande fé e sem temor, e isso o impressionou, de tal maneira que sua vida nunca mais foi a mesma. Enquanto ele, um missionário e teólogo, temia a morte, jovens cristãos adoravam alegremente a Deus porque, caso a tempestade os tivesse engolido, estariam com o seu Senhor para sempre.

Em 1738, retorna à Inglaterra, fortemente estimulado pela fé dos morávios. Após ouvir um sermão sobre um comentário de Romanos, escrito por Martinho Lutero, sentiu seu coração em chamas pelo evangelho, experimentando assim a confiança de que Deus perdoara seus pecados. Avivado pelo Espírito Santo e pela Palavra de Deus, João e seu irmão Carlos começaram a pregar aos operários em praças e salões, ocasião em que ganhou fama uma de suas frases preferidas: “O mundo é a minha paróquia”. Dividiram a Igreja da Inglaterra em várias sociedades, com o intuito de estudarem a Bíblia, orarem e pregarem com mais facilidade. Em

pouco tempo, esse método de estudo e pregação ganhou expressão nacional e internacional, ganhando milhares de adeptos, obrigando Wesley a andar por toda parte a cavalo, conferindo-lhe o apelido de “O Cavaleiro de Deus”, rendendo-lhe 800 sermões por ano e aproximados 400 mil quilômetros percorridos.

João Wesley deixou como herança 300 pregadores itinerantes e 1.000 pregadores locais. Após sua morte, em 2 de março de 1791, em Londres, organizou-se nos Estados Unidos uma denominação chamada Igreja Metodista, rompendo oficialmente os laços com o anglicanismo. Além de milhares de convertidos e avivados pela influência de sua pregação, também deixou obras sociais dignas de honra e prestígio, como o “Dinheiro aos Pobres”, o apoio à reforma educacional, o apoio à reforma das prisões e o apoio à abolição da escravatura.

João Wesley foi reconhecidamente um grande entusiasta da doutrina arminiana, sendo um de seus maiores expositores. Dentre muitas coisas, ensinava que: a conversão é comprovada não por eleição incondicional, mas por prática e testemunho, e que o cerne da vida cristã encontra-se na relação pessoal com Cristo; que a igreja, para manter-se viva, precisa recuperar em sua prática a ênfase na ação do Espírito Santo; que o evangelho precisa ser praticado e testemunhado de forma comunitária, e não somente internalizado, de modo que trate o ser humano em sua inteireza, proporcionando bem-estar espiritual, físico, emocional e material, principalmente aos necessitados e marginalizados; que, para que homens e mulheres em todo o mundo possam alcançar a salvação necessitam imprescindivelmente ser expostos ao evangelho, atribuindo à obra de evangelização grande ênfase e paixão.

Sobre a relação de Wesley com a sociedade da época, Renders diz: “Wesley estava profundamente integrado à sua época e procurou, em nome do Evangelho, responder às questões que a sociedade inglesa contemporânea consciente ou inconscientemente levantava. Com efeito, é

impossível arrancá-lo da rede de relações que estabeleceu no século XVIII”.[10]

Apesar de Wesley não ter compilado uma teologia sistemática original, conseguimos absorver seus ensinos a partir do espectro doutrinário observável em seus escritos e sermões, que distingue seu pensamento teológico de outras correntes como o calvinismo, por exemplo. Wesley não inventou um novo cristianismo, como alguns pensam, mas alinhou doutrinas centrais salutares para uma religião cristã bíblica. Empenhou-se em resgatar o pensamento teológico dos Pais da Igreja que viveram entre os apóstolos e Agostinho. A grande ênfase em sua pregação era a busca pela santidade e o louvor pela graça de Deus. O historiador Justo González ratifica que “Wesley é herdeiro dessa tradição reformada e puritana de ênfase na santidade, que logrou tanta proeminência na Inglaterra dos séculos dezessete e dezoito”. Porém, Gonzáles afirma que, por outro lado, “Wesley sabia, por experiência própria, que essa ênfase na santidade, se não fosse acompanhada de outra ênfase ainda maior na graça e no amor de Jesus Cristo, poderia ter consequências desastrosas”.[11]

Influências na Teologia Wesleyana

Não existe uma uniformidade que se pode adotar como única influência no pensamento wesleyano. Analisando seus antecedentes e sua árvore genealógica, concluímos que João Wesley foi influenciado por vertentes variadas do cristianismo como o puritanismo, o emocionalismo do pietismo, o catolicismo oriental, o luteranismo, anglicanismo e o arminianismo. Havia uma biblioteca organizada por ele, composta de 50 volumes de autores que, segundo Wesley, eram referência em doutrina e teologia, dentre os quais se destacavam William Law, Jeremy Taylor, Henry Scongal, John Heylin e Gregório López. Os líderes metodistas eram orientados a lê-los.

Wesley herdou do luteranismo a radicalidade na crença da justificação pela graça somente. Ou seja, ele pregava a busca por santidade, não para que nos tornemos melhores por meio dessa prática, mas sim como resultado de um coração grato e transformado pela graça abundante de Deus.

Herdou de William Law o fascínio pelo estudo das doutrinas bíblicas e como se encaixam e se complementam. Wesley frequentemente o citava em suas reuniões. Sua teologia também sofreu influências filosóficas da época, como o empirismo inglês de John Locke, que temperou seu *modus vivendi* com uma busca saudável e equilibrada pela experiência religiosa como prova da atuação do Espírito Santo na igreja. Assim como Locke, Wesley reconhecia o valor racional da experiência para uma orientação lógica do pensamento e da assimilação ou rejeição de ideias, para elaboração do bojo de crenças e doutrinas.

“É Deus quem toma a iniciativa de se revelar à humanidade e ele não é conhecido como Salvador até que o coração divino seja conhecido por meio da experiência”, diz Wesley, como cita Runyon.[12]

O Quadrilátero Wesleyano

Certa vez, Wesley recebeu de um distinto senhor um sábio conselho: “O senhor deseja servir a Deus e ir para o céu. Lembre-se de que o senhor não poderá servi-lo sozinho. Por isso, o senhor deve encontrar seus companheiros; ou, então, fazê-los. A Bíblia não sabe nada de uma religião solitária”.[13] Assim, João Wesley propôs-se a tornar a teologia e a cosmovisão cristã palatáveis a pessoas simples, de pouca instrução e de diminuto contato clerical. Para isso, elaborou o seguinte quadrilátero: Bíblia, Experiência, Tradição, Razão. Deve-se aceitar essa sequência para obter conhecimento teológico — consultar a Bíblia; vivê-la para gerar experiência; guardar as boas tradições embasadas na Bíblia; e, finalmente, buscar coerência com o uso da razão. Essa estrutura tem como fonte suprema de revelação divina a Palavra de Deus, sendo os outros três elementos instrumentos auxiliares para o seu entendimento e interpretação. Por meio dessa estrutura, Wesley trouxe os menos entendidos para perto da teologia, o que se chama comumente de teologia do cotidiano. “Ambiciono a verdade simples para o povo simples”, disse em um de seus sermões. Preferiu ser simples, não por simplismo ou por falta de conhecimento, mas porque desejou ardentemente transmitir aos pobres e iletrados a necessidade de Deus e de sua graça.

A Teologia de João Wesley

Para compreender adequadamente a teologia wesleyana, é necessário ter em mente o cenário no qual Wesley escreve. A igreja anglicana estava longe do evangelho no tocante ao comprometimento com a sociedade, desinteressada em pastorear o coração do povo, especialmente dos mais pobres. Essa constatação o levou às Escrituras em busca de respostas, levando-o a uma teologia cuja centralidade era a Bíblia, e cuja espiritualidade era a santificação comprometida com o próximo em duas instâncias: obras de misericórdia (alimentar o faminto, vestir o nu, cuidar do enfermo, visitar o encarcerado, etc.) e obras de piedade (oração pública, leitura e meditação da Palavra de Deus, participação nos sacramentos, etc.).

Wesley disse: “Nossas principais doutrinas, que incluem todo o resto, são três — as do arrependimento, da fé e da santidade. A primeira, nós consideramos como se fosse a varanda da religião; a segunda, a porta; a terceira, a própria religião”.[14]

Então, vejamos alguns pontos teológicos de João Wesley:

Graça. Na concepção teológica de João Wesley, a graça de Deus é ministrada a todos os homens, e não somente para alguns (conforme pressupõe o calvinismo). Essa graça precede a decisão humana, atuando no coração do homem juntamente com o Espírito Santo, tornando-o capacitado para responder com fé ao evangelho. A teologia wesleyana afirma que a graça preveniente permite, mas não assegura, a decisão humana favorável ao evangelho, sendo, portanto, passível de rejeição. Em outras palavras, a graça não é irresistível.

Segue a definição de graça preveniente do Livro de Disciplina da Igreja Metodista Unida*:* “[...] o amor divino que cerca toda a humanidade e precede cada um de, e todos, os nossos impulsos conscientes. Essa graça proporciona o nosso primeiro desejo de agradar a Deus, o nosso primeiro vislumbre de entendimento sobre a vontade de Deus, e a nossa ‘primeira

breve convicção’ de ter pecado contra Deus. A graça de Deus também desperta em nós um ardente desejo de libertação do pecado e morte, assim como nos leva ao arrependimento e à fé”.

Salvação. No tocante à salvação, o metodismo wesleyano crê da seguinte maneira: a graça de Deus atua em etapas, sendo primeiramente concedida a graça preveniente (preparo para salvação), graça justificadora (concessão do perdão), e graça santificadora (renovação da natureza depravada do homem). A grande evidência da atuação dessa graça é a santificação na vida do crente e a perfeição cristã — quanto mais o seu viver é santo, mais próximo estará do plano original de Deus para o homem. Ou seja, a salvação é processual. Acredita-se também que um genuíno cristão pode cair da graça e perder a salvação.

Teoria Governamental da Expiação. Essa teoria alude ao modo como Deus lida com o governo do universo moral, e está intimamente relacionada com as implicações da doutrina da salvação. Dentro dessa teoria, Jesus tomou sobre si o preço do nosso castigo, não de modo quantitativo, na exata dimensão de cada um de nossos pecados, mas sim como uma demonstração da insatisfação de Deus com os nossos pecados, lançando sua ira sobre o corpo de Jesus e, assim, nos perdoando. No entanto, convém lembrar que embora muitos metodistas creiam dessa forma, ou seja, na expiação governamental, Wesley e outros metodistas criam e creem na teoria substitutiva penal da expiação.

Justiça Transmitida. Segundo essa doutrina, Deus, por meio da atuação do Espírito Santo, capacita o cristão a lutar por santidade e santificação. Isso significa que Deus não apenas imputa aos homens a justiça de Cristo, declarando-nos justos diante dEle, mas que, em seguida, Deus, pelo poder do Espírito, atua em nós para nos “revestir” da justiça de Cristo. Em outras palavras, Ele nos declara justos e, em seguida, nos torna justos.

Perfeição Cristã. Também chamada de Total Santificação, essa doutrina elaborada por Wesley a partir de Filipenses 3.12-16 traz o entendimento de que o homem pode ser, antes mesmo de morrer, redimido do estado de pecado original. Wesley nos deixa sua compreensão do texto em voga em três passos para alcançar tal condição:

> I. Humildade (vv. 12,16): característica indispensável para o viver santo. A constante vigília e busca pela humildade nos mantém numa disciplina mental que nos amolda ao caráter de Cristo. Esse exercício, resultado do amor pela mensagem do evangelho, garante uma constante autoanálise para melhor comunhão com os irmãos e para melhor viver de acordo com a vontade de Deus.
>
> II. Esquecer o passado (v. 13): o maior problema com o passado é que não pode ser mudado. Isso pode causar frustração, medo e insegurança para o presente e o futuro. O passado pode ser, em outras palavras, paralisante. Esquecer o passado significa, por essa ótica, não permitir que este o impeça de amar a Deus e sua mensagem com todo o vigor que há no coração. É vencer os traumas, tendo como motivação a esperança de se encontrar com Cristo.
>
> III. Olhar para a frente (v. 14): o prêmio da soberana vocação, o desejo de todo cristão verdadeiro, estar com o seu Senhor para sempre. Prosseguir para o alvo é fitar com grande desejo o nosso destino final, conquistado por Nosso Senhor na cruz.

Percebam que Wesley *não* entendia a perfeição cristã como um estágio onde o crente não tenha propensão ao pecado, ou que seja impecável e infalível. Não significa isso! Também não significa que ele adquire um estágio em que não precisa da graça divina na sua vida. Pelo contrário, Wesley entendia que a perfeição cristã nos leva para um melhor relacionamento com Deus. A imagem de Deus, outrora manchada, agora se torna pura mais e mais (Cl 3.10). Além do mais, ele entendia que as Escrituras nos conclamam a sermos santos como o Pai é santo (Mt 5.48) para sermos plenamente transformados pelo Espírito Santo.

Segurança em Cristo. Esta é uma crença wesleyana herdada do arminianismo, baseada em João 15.4. Expressa o relacionamento do crente com seu Senhor, não como algo *congelado* ou estático, como que ocupando

apenas um ponto no tempo, mas sim um verdadeiro relacionamento, que necessita ser mantido com fé. Em suma, há nas Escrituras dois tipos distintos de fé: a necessária para a decisão quanto ao evangelho (fé para a resposta ao chamado), e a necessária para diariamente crer e manter um genuíno relacionamento com Deus (fé para perseverar). Nesse sentido, crer na segurança condicional equivale a acreditar que o Senhor manterá seus servos no caminho da salvação sob a condição de uma fé perseverante nEle. Uma vez unido a Cristo pela fé, o cristão desfruta da segurança de que influência externa alguma poderá separá-lo do amor de Deus enquanto ele perseverar. Isso tudo implica também afirmar que, se um crente tornar-se incrédulo ao longo da caminhada (apostasia), ele se separará também da união salvífica com Cristo, caindo da graça e, consequentemente, perdendo a salvação. Por essa razão, wesleyanos insistem tanto em alertar os crentes sobre a perigosa possibilidade de apostasia quanto em exortar a que permaneçamos firmes na fé em Jesus.

Como se percebe, João Wesley foi um ardente expositor das doutrinas arminianas, tais como pecado original, depravação total, eleição condicional, graça preveniente, expiação ilimitada e possibilidade de apostasia. Quanto à apostasia, destoando um pouco de Armínio, Wesley afirma que esse desvio da fé não é de modo algum infalivelmente final, mas reversível, mediante arrependimento e fé. Segundo ele, “não apenas um, ou cem, mas, estou convencido, muitos milhares [...] incontáveis são os exemplos daqueles que tinham caído, mas que agora estão de pé”.

---

[10] RENDERS, Helmut. **Andar como Cristo andou**: A salvação social em João Wesley. p. 17.

[11] GONZÁLES, Justo L. **Wesley para América Latina Hoje**. p. 33.

[12] WESLEY, John, *apud* RUNYON, Theodore. **A nova criação**: a teologia de John Wesley. p. 97.

[13] JOSGRILBERG, Rui de Souza. “A motivação originária da teologia wesleyana: o caminho da salvação”. In: **Caminhando, 300 anos de John Wesley**. p. 106.

[14] WESLEY, John. **The principles of a methodist father explained**. Apud SOUZA, José Carlos. SOUZA. Fazendo teologia numa perspectiva wesleyana, p.140.

UMA ÚLTIMA PALAVRA

Fico feliz em termos chegado ao final do trabalho, sabendo que, embora não seja exaustivo, muitas dúvidas foram dirimidas, conceitos errados sobre o arminianismo foram corrigidos, assuntos que, ao longo do tempo, foram espalhados por calvinistas e mesmo por arminianos com uma formação teológica deficiente.

Estou ciente de que dentro desse objetivo há muito ainda a fazer, já que, infelizmente, ainda temos de nos deparar com toda sorte de afirmações discrepantes quando o assunto é arminianismo — desde desajustes teológicos como a acusação de semipelagianismo, até classificações ignorantes como heresia e movimento contraditório. Só para se ter uma ideia, em um debate com um calvinista, o pastor e professor de teologia Marcos Granconato[15] disse que: “O arminianismo reduz Deus... tira Deus do trono. O Deus arminiano, deixou de ser esse grande general... e se tornou um mordomo, bem educado, delicado... até mesmo afeminado... que diz assim: ‘Eu não quero ferir seu livre-arbítrio, Eu quero muito salvar você, mas você não quer, Eu respeito’. O arminianismo só fica com o lado cor-de-rosa da teologia, é a teologia da Disneylândia, é a teologia da Cinderela, em que Deus é o Papai que quer salvar todo o mundo”. Desenhando ao vivo na televisão uma caricatura descabida e debochada do que realmente pensa e ensina o arminianismo clássico-wesleyano, além de ter exibido gratuito

desrespeito ao público e ao seu interlocutor. Por culpa desse tipo de teólogo mal informado ou mal intencionado, creditam-se a Jacó Armínio as mais estapafúrdias afirmações, sem base histórica alguma.

Outra acusação muito comum no meio evangélico reformado calvinista é que o arminianismo não é uma teologia reformada, e tal acusação não poderia estar mais equivocada. É como se tivessem patenteado o termo “reformado” utilizando-o como sinônimo de ”calvinista”, para, com isso, atrair crentes desinformados. Contudo, Armínio, até o fim da sua vida, considerou-se protestante, inclusive leal à igreja reformada da Holanda, logo sua teologia também precisa ser considerada reformada.

De uma vez por todas, que teólogos e leigos saibam que a “teologia arminiana” se sustenta absolutamente na Palavra de Deus, como ficou claro nesta singela obra, de completo acordo com os cinco solas da Reforma Protestante, o que a insere na ampla tradição reformada, ao lado do calvinismo, do luteranismo, etc.

Abaixo demonstro isso, e desafio qualquer um a provar o contrário, ou calar-se. Os Cinco Solas da Reforma Protestante são a baliza para orientarmos a nossa fé cristã, e não o calvinismo, as institutas ou a TULIP. Vejamos:

> **1. Somente a Graça.** Isto é, somos totalmente dependentes da graça de Deus, tanto para iniciar como para exercer e consumar a nossa salvação, não sendo possível ao homem buscar ou escolher a Deus, muito menos dar o “primeiro passo” na busca pela verdade. Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro! É assim que crê e ensina o arminianismo!
>
> **2. Somente a Fé**. Isto é, precisamos única e exclusivamente exercer fé no sacrifício expiatório de Cristo, para apropriação dos benefícios da salvação eterna, pois nossa salvação não advém das obras geradas mediante a observação da Lei ou mesmo de algum mérito pessoal. É assim que crê e ensina o arminianismo!
>
> **3. Somente a Escritura**. Isto é, somente a Bíblia pode nos dar suficiente instrução para conhecermos e obedecermos a Deus, e para vivermos para a sua glória. São as Escrituras inspiradas e inerrantes a própria Palavra de Deus. É assim que crê e ensina o arminianismo!

> **4. Somente Cristo**. Isto é, a obra salvífica na vida do homem é operada única e exclusivamente pelo mérito de Cristo, pelo seu sacrifício na cruz, não havendo espaço para chegar-se a Deus de outra forma. Jesus é a expressa imagem de Deus, autor e consumador da nossa fé e a imagem do Deus invisível. É assim que crê e ensina o arminianismo!
>
> **5. Somente a Deus a Glória.** Isto é, Deus é o ser supremo e único, fonte de todo bem, que soberanamente cria o mundo, tanto físico como espiritual, e subsidia todo meio de salvação, desde o princípio até o fim. A Ele toda a glória! É assim que crê e ensina o arminianismo!

Uma teologia que está assim pautada pode ser chamada de “teologia cor-de-rosa e do Pateta”? A extravagância dessas declarações beira a blasfêmia e precisa ser energicamente repudiada no meio acadêmico e cristão.

Que não neguemos o legado deixado por Jacó Armínio e sua contribuição para o pensamento soteriológico no cristianismo.

---

[15] Programa *Vejam Só*, transmitido pela Rede Internacional de Televisão, em 26/05/2015. O debate completo pode ser assistido no YouTube.

“Ninguém,
nem o próprio
João Calvino,
afirmou
a ideia
do pecado
original
ou da
justificação
pela fé de
maneira mais
decisiva,
mais clara e
explícita que
Armínio.”

— João Wesley

CITAÇÕES DE ARMINIANOS

Esequias Soares:

“Deus, na sua presciência, não interfere na liberdade humana, ou seja, no livre- arbítrio. Ele sabe de antemão todos os acontecimentos futuros sem interferir diretamente na decisão de cada pessoa. Além de saber tudo sobre os seres humanos, somente Ele conhece o coração deles.”
(Teologia Sistemática Pentecostal, CPAD, p. 71)

Antônio Gilberto:

“Alguns vocábulos são traduzidos por ‘predestinação’ no Novo Testamento grego. Nós, porém, entendemos que tudo pode ser mudado mediante a fé em nosso Deus pessoal. As profecias, ao invés de predizerem um futuro friamente predestinado, são apelos para nos convertermos dos nossos maus caminhos, a fim de termos um futuro bem diferente — esses apelos são feitos à nossa consciência e pressupõem o nosso livre-arbítrio.”

“O Todo-Poderoso, como onisciente, conquanto conheça de antemão os que o rejeitarão, não interfere, por ter Ele criado o homem dotado de livre-arbítrio. Deus não viola esse princípio. Sim, o Senhor não criou o homem como um autômato, um robô, mas como um ser moral, responsável por seus atos, com a faculdade de decisão e livre-escolha — se bem que essas

faculdades estão grandemente prejudicadas pelo efeito deletério do pecado, principalmente os de incredulidade e rebeldia.”

“Na Bíblia, mencionam-se a eleição divina coletiva, como a de Israel (Is 45.4; 41.8,9) e a da Igreja (Ef 1.4); e a individual, como a de Abraão (Ne 7.9) e a de cada crente (Rm 8.29). [...] Em 2 Pedro, lemos: ‘Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis’.”

“A escolha divina ocorre da maneira como é descrita em 1 Tessalonicenses 1.4-10. Ela se dá pelo recebimento do evangelho, pela fé, e permanência em Cristo, mediante a santificação daqueles que se convertem dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro, a fim de servi-lo ‘e esperar dos céus a seu Filho, a quem Deus ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura’ (v. 10).”

“Deus não elege uns para a salvação e outros para a perdição. O homem é capaz de fazer a livre-escolha. E a graça de Deus não é irresistível, como muitos ensinam, valendo-se do falacioso chavão ‘uma vez salvo, salvo para sempre’.”

“Entretanto, um exame atento e livre de preconceito da Palavra de Deus mostra que, através da obra redentora de Jesus, Deus destinou de antemão (predestinou) todos os homens à salvação: “quem quiser, tome de graça da água da vida” (Ap 22.17; Is 45.22; 55.1; Mt 11.28,29; 2 Co 6.2; 1 Tm 2.4). De acordo com João 12.32, todos podem ser atraídos a Cristo. Mas nem todos querem seguir a Cristo.”
(Teologia Sistemática Pentecostal, CPAD, p. 89, 366-369)

Elinaldo Renovato:

“A doutrina arminiana nos parece condizente com o plano de Deus para os homens, como seres livres. Podem aceitar ou podem rejeitar a graça de Deus. Só sendo livres é que se justifica a semelhança moral do homem com

seu Criador. É também a única interpretação que se coaduna com o ser de Deus, e seu caráter, revelado na Bíblia Sagrada.”
(Deus e a Bíblia, CPAD, p. 82)

Menzies e Horton:

“Em sua liberdade e onipotência, Deus optou por criar seres (pessoas e anjos) com a integridade da escolha moral. Ele não invade a liberdade de nosso arbítrio. Finalmente, devemos reconhecer que Deus, embora nos conceda semelhante liberdade, continua Senhor da História.”

“Há os que perguntam, por exemplo, como pode Deus saber quem há de se perder, e mesmo assim, permitir que os tais se percam. O conhecimento prévio de Deus, porém, não predetermina as escolhas individuais, porquanto Ele respeita nosso arbítrio. Em Efésios 1.3-14, temos o esboço da história predeterminada do mundo. Mas esse vislumbre da predestinação do Universo não elimina as ‘ilhas da liberdade’ que Deus nos reservou, pois Ele nos fez indivíduos e livres. Ele permite que as pessoas escolham o próprio destino: céu ou inferno.”

“Efésios 1.3,4 declara: ‘Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais, nos lugares celestiais em Cristo, como também nos elegeu nele, antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade’. A Bíblia não está se referindo à predestinação, mas dizendo que a Igreja foi escolhida como um corpo predestinado a ser santo. Todos os que preferem crer tornam-se parte da Igreja e compartilham de seu destino. Na Igreja, a posição do crente e suas bênçãos são espirituais, celestiais e eternas.”
(Doutrinas Bíblicas, CPAD, p. 50, 51, 182)

Gary B. McGee:

“Quando as Assembleias de Deus filiaram-se à Associação Nacional de Evangélicos (NAE), organização fundada em 1942, passaram a ocupar posição de destaque na vida eclesiástica da América do Norte (essa participação foi reforçada pelas tendências de melhoria social e econômica depois da Segunda Guerra Mundial). Às vezes, o relacionamento ficava tênue, por causa das suspeitas que ainda perduravam quanto à pneumatologia das Assembleias de Deus, e quanto à natureza geralmente arminiana de sua teologia. Nem por isso o impacto do evangelicalismo sobre a teologia pentecostal deixou de ser considerável.”

James H. Railey Jr.:

“A maioria dos pentecostais tende ao sistema arminiano de teologia, tendo em vista a necessidade do indivíduo em aceitar pessoalmente o Evangelho e o Espírito Santo.”

GLOSSÁRIO

Antinômio – coexistência de dois pressupostos bíblicos aparentemente contraditórios, que não podem ser harmonizados pela lógica humana.

Apostasia – abandono deliberado das doutrinas bíblicas e do modo santo de viver.

Arrependimento – palavra originada do grego *metanóia*, que significa *conversão*, isto é, uma mudança radical de comportamento.

Arminianismo – linha de pensamento ou conjunto de crenças e doutrinas defendidas por Jacó Armínio, teólogo e pregador holandês.

Calvinismo – linha de pensamento ou conjunto de crenças e doutrinas defendidas por João Calvino, teólogo e reformador francês.

Catecismo – conjunto de instruções sobre doutrinas, princípios e ideias de uma religião. Pode ser usado como uma exposição das crenças de certo grupo, seita ou partido religioso, conhecida como confissão de fé.

Catecismo de Heidelberg – confissão de fé constituída de 129 perguntas e respostas, considerado o mais importante documento confessional da história do protestantismo.

Confissão Belga – documento escrito em 1561 por Guido de Brès, pastor e pregador reformado. O texto, escrito em francês originalmente, tinha por objetivo mostrar às autoridades espanholas e ao rei Felipe II que protestantes reformados não eram rebeldes, mas, sim, cumpridores da lei, além de mostrar em que, teologicamente, creem os protestantes.

Congregacionalismo – sistema de administração eclesiástica que confere às congregações, ou seja, às células ou igrejas-satélite, autonomia e independência, inclusive na interpretação bíblica e na teologia.

Depravação – alteração prejudicial; degradação; perversão; degeneração.

Doutrina – conjunto de ideias que pertencem a um sistema filosófico, político ou religioso.

Eclesiástico – relativo à eclésia, isto é, igreja.

Expiação – sofrimento para compensar a culpa de si ou de outrem; purificação de crimes e/ou pecados; meio usado para redimir-se de peso moral ou culpa através de castigos.

FACTS – acróstico que expressa, de modo resumido e prático, em que acreditam os arminianos no tocante à doutrina da salvação e da danação. Os cinco pontos apresentados são: F = Feitos livres pela graça; A = A todos expiação; C = Condicional eleição; T = Total depravação; e S = Segurança em Cristo.

Graça – favor ou dádiva; algo que recebemos sem merecimento; capacitação advinda de Deus para alcançar algo inacessível doutro modo.

Heterodoxia – oposição às normas mormente aceitas; heresia.

Herege – aquele que confessa uma crença contraditória ou hetérica.

Hipercalvinismo – prática que superenfatiza a soberania de Deus, não deixando espaço para a responsabilidade humana. Geralmente, procura

fazer das palavras de Calvino, mesmo que não admitindo, uma espécie de *infalibilidade* doutrinária.

Infralapsarianismo – defende que a eleição e reprovação por parte de Deus ocorreu após a rebelião humana.

Melanchthon – Filipe Melanchthon, reformador alemão e colaborador de Martinho Lutero. Autor da Confissão de Ausburgo, tornou-se o principal líder do luteranismo após a morte de Lutero.

Metodistas – seguidores ou adeptos das ideias de João Wesley, que deu início a um estudo bíblico metódico e uma maneira metódica de viver, o que deu origem ao nome "metodismo".

Pais da Igreja – expressão usada para referir-se a líderes e pensadores do cristianismo dos primeiros séculos. São assim chamados devido à amorosidade e zelo que demonstraram ao cuidar do rebanho do Senhor como um pai cuida dos filhos.

Países Baixos – mais conhecidos como Holanda, são uma nação localizada a noroeste do continente europeu, fronteirizando a Bélgica e a Alemanha.

Predestinação – segundo o calvinismo, determinação divina, na qual o destino dos indivíduos foram antecipadamente decididos e traçados. Segundo as Escrituras, o destino de todos os que creem no evangelho.

Reforma Protestante – movimento que buscou não a fundação de novas igrejas, mas primeiramente um repensar das doutrinas e práticas da Igreja Oficial. É comumente ligada ao seu principal e icônico representante, Martinho Lutero, monge agostiniano do século XVI.

Regeneração – revivificação moral; reabilitação de algo em estado de deterioração biológica ou moral.

Remonstrantes – foram assim chamados os 45 ministros responsáveis pelo documento conhecido como Remonstrância, cujo conteúdo propôs uma releitura das doutrinas da salvação dentro da crença calvinista, quando do Sínodo de Dort.

Salvação – genericamente, significa “libertação de perigo ou condenação”. No cristianismo existe a doutrina da salvação, que afirma ser o homem, ainda que merecedor da condenação, passível de ser salvo do inferno pela misericórdia e mérito divinos.

Sinergismo – seria toda ação entre dois ou mais fatores que mutuamente colaboram para um resultado final de comum interesse. Na teologia, seria a ideia que coloca o homem e Deus em mútua colaboração em relação à salvação, sendo Deus o autor da salvação, e o ser humano o beneficiado mediante fé.

Sínodo – o termo significa “caminhar juntos”, e constitui-se de uma série de reuniões eclesiásticas com o objetivo de tratar as questões doutrinárias e comportamentais da denominação ou comunidade de fiéis.

Sínodo de Dort – sínodo nacional ocorrido em Dordrecht, Holanda, para resolver uma controvérsia teológica do tipo “calvinismo x arminianismo”.

Soteriologia – doutrina da salvação, como é chamada na teologia cristã. Define e explica os pormenores de tudo quanto creem os cristãos, de um modo geral, sobre a salvação.

Supralapsarianismo – “acima” ou “antes” da “queda”, é a ideia de que os decretos divinos acerca da eleição e reprovação ocorreram antes da rebelião do homem.

Teologia – ciência ou estudo que se ocupa em explicar atributos divinos, bem como elaborar doutrinas como pontos e tópicos que auxiliam a

compreensão do estudo, e analisar a relação entre Deus ou deuses e os homens.

TULIP – acróstico que expressa, de modo resumido e prático, em que acreditam os calvinistas no tocante à doutrina da salvação e da danação. Historicamente, foi uma resposta ao FACTS.

Volitivo – relativo à vontade. O termo é construído a partir do latim *volo*, que significa “quero”.

Wesleyanismo – ver *Metodistas*.

TEÓLOGOS ARMINIANOS

É muito comum, mesmo entre arminianos, um pensamento de que o arminianismo não possui importantes teólogos e pensadores. Apresento uma lista de teólogos, professores, escritores, pastores, pregadores, uns mais e outros menos acadêmicos, mas todos nomes importantes dentro do mundo teológico. Essa relação é uma síntese com modificações a partir de uma originalmente criada pelo pesquisador Paulo César, proprietário do site *Arminianismo.com*, o maior portal sobre o assunto em língua portuguesa. O "PC", como carinhosamente o chamamos, é um dos maiores estudiosos do assunto, sendo um pioneiro neste despertamento arminiano que vivemos nos últimos anos.

Vale ressaltar que essa lista não é exaustiva,[16] obviamente, e está sujeita a críticas, correções e acréscimos. Procuramos selecionar, além de arminianos clássicos e wesleyanos, arminianos de quatro pontos (geralmente batistas), proto-arminianos (caso de Menno Simons), arminianos que preferem ser chamados por outro nome, paleo-ortodoxo, caso de Thomas C. Oden), arminianos que acreditam ser calvinistas moderados (caso de Norman L. Geisler) e, claro, alguns antigos sinergistas pré-arminianismo (como os Pais da Igreja). Convém dizer que com essa lista não estamos fazendo um endosso a toda teologia desses estudiosos, inclusive, alguns nomes aqui elencados nem mesmo são considerados evangélicos na concepção do termo que temos hoje. É como comentou o pesquisador Paulo César: "A lista não foi criada para impressionar as pessoas. A ideia original foi reunir nomes de arminianos/sinergistas conhecidos para facilitar as minhas pesquisas. Alguns certamente me pediriam para tirá-los da lista, caso ficassem sabendo dela, caso de Stanley

J. Grenz, se estivesse vivo. Só lamento por eles, não vou tirar!”. Espero que você goste!

Atanásio de Alexandria (290 d.C.)
Atenágoras de Atenas (133 d.C.)
Alva Bee Langston
Adam Clarke
A. W. Tozer
Alvin Carl Plantinga
Antonio Gilberto
A. T. Robertson
B. W. Johnson
Ben Witherington III
Brian Abasciano
Cipriano de Cartago (200 d.C.)
Clemente de Roma (90 d.C.)
Clemente de Alexandria (195 d.C.)
Carl Oliver Bangs
Carlos Augusto Vailatti
Craig S. Keener
C. S. Lewis
Dale Moody
Daniel B. Pecota
Dave Hunt
Donald C. Stamps
Dwight L. Moody
Enéas Tognini
Ernest S. Williams
Esequias Soares
Eugene E. Carpenter

Eurico Bergstén
F. Leroy Forlines
Gregório de Nissa (330 d.C.)
Gary B. McGee
Gordon Fee
Grant R. Osborne
Guy P. Duffield
Hank Hanegraaff
H. Orton Wiley
Henry C. Thiessen
Herman N. Ridderbos
Inácio de Antioquia (110 d.C.)Irineu de Lion (195 d.C.)
I. Howard Marshall
Israel Belo de Azevedo
João Crisóstomo (347 d.C.)João Damasceno (675 d.C.)
Justino Mártir (160 d.C.)
J. Matthew PinsonJ. Rodman Willians Jack W. CottrellJacó Armínio
James P. Moreland James Strong John MileyJohn C. LennoxJohn F. ParkinsonJohn Smith
João Wesley John FletcherJorge Pinheiro dos Santos José Ildo S. de Mello Joseph R. DongellJusto L. Gonzalez Keith D. StanglinKenneth D. KeathleyKenneth J. CollinsLaurence M. VanceLee Strobel Leonard Ravenhill Matthew P. O'ReillyMenno SimonsMildred Olive Bangs Wynkoop Myer PearlmanNatanael RinaldiNorman L. Geisler Orígenes de Alexandria (225 d.C.)Pastor de Hermas (150 d.C.)
Paul Copan Paul J. AchtemeierPaulo R. RomeiroRavi Zacharias Richard J. FosterRichard Watson Robert E. PicirilliRobert W. BurtnerRoger E. Olson Roger T. ForsterRobert ShankSamuel FiskSimon EpiscopiusStanley J. GrenzStanley M. HortonTertuliano de Cartago (210 d.C.)Taciano Assírio (120 d.C.)Thomas C. Oden Vic

ReasonerWalter Brunelli William Burt PopeWilliam L. Craig William W. KleinZacarias de Aguiar Severa

---

[16] Se quiser ver uma relação mais completa do que esta, basta acessar o site www.arminianismo.com

GUIA DE ESTUDO

Considerando que este livro é panorâmico sobre o arminianismo, relaciono abaixo uma seleção de outras obras recomendadas sobre a história e a teologia arminiana, para os estudiosos que quiserem maior aprofundamento sobre o assunto. Graças a Deus, nos últimos anos houve um grande crescimento do interesse pelo estudo teológico, especialmente na área da soteriologia, e na esteira dessas discussões, editoras e autores se despertaram, e muitos livros foram lançados, e muitos outros brevemente serão lançados, de autores nacionais e estrangeiros. Isso é bom para a igreja, fortalece as discussões e supre uma área em que estávamos carentes de maior conhecimento.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Vários autores, Editora CPAD.
Bíblia de Estudo da Reforma. Vários autores, Editora SBB.
Bíblia de Anotações A. W. Tozer. Editora CPAD.
As Obras de Armínio. Jacó Armínio, Editora CPAD.
Uma análise de Romanos 9. Jacó Armínio, Editora Reflexão.
Jovem, Incansável, não mais Reformado. Austin Fisher, Editora Sal Cultural.
Introdução à Teologia Armínio-Wesleyana. Vinícius Couto, Editora Reflexão.

A Grande Salvação de Deus. Wesley L. Duewel, Editora Candeia.
Ser Bom o Bastante não É Bom o Bastante. Jack Cottrell, Editora Up Books.
Teologia de John Wesley. Kenneth J. Collins, Editora CPAD.
O Lado Negro do Calvinismo. George Bryson, Editora Reflexão.
Eleitos, mas Livres. Norman Geisler, Editora Vida.
Depravação Total. Carlos Kleber Maia, Editora Reflexão.
Pelagianismo e Semi-Pelagianismo. Ivan de Oliveira, Editora Reflexão.
Contra o Calvinismo. Roger E. Olson, Editora Reflexão.
Armínio: Um Estudo da Reforma Holandesa. Carl O. Bangs, Editora Reflexão.
Comentário Bíblico Novo Testamento. Craig S. Keener, Editora Reflexão.
Teologia Arminiana: Mitos e Realidades. Roger E. Olson, Editora Reflexão.
A Fé dos Eleitos de Deus. John F. Parkinson, Editora Reflexão.
Eleitos no Filho. Robert Shank, Editora Reflexão.
Jacó Armínio: Teólogo da Graça. Keith Stanglin e Thomas H. Mccall, Editora Reflexão.
A Gênesis da Predestinação na História da Teologia Cristã. Thiago Titillo, Editora Reflexão.
À Procura de Deus. A. W. Tozer, Editora Reflexão.
Por que não Sou Calvinista. Jerry L. Walls e Joseph R. Dongell, Editora Reflexão.
O que É Teologia Arminiana. Wellington Mariano, Editora Reflexão.
Graça Resistível. Zwinglio Rodrigues, Editora Reflexão.
Expiação Ilimitada. Carlos A. Vailatti, Editora Reflexão.
Eleição Condicional. Thiago Titillo, Editora Reflexão.
Depravação Total. Carlos Kleber Maia, Editora Reflexão.

Graça Preveniente. Valmir Nascimento, Editora Reflexão.
A Espiral Hermenêutica. Grant R. Osborne, Editora Vida Nova.
Comentário Bíblico Beacon. Vários Autores, Editora CPAD.
Introdução à Teologia Cristã. Orton H. Willey, Editora Casa Nazarena.
Fundamentos da Teologia Armínio-Wesleyana. Mildred B. Wynkoop, Editora Casa Nazarena.

Nota: Destacamos que algumas obras aqui citadas não tem o propósito de trabalhar e nem defender o arminianismo, mas o seu conteúdo são, de modo geral de linha teológica arminiana.

REFERÊNCIAS

ARMÍNIO, Jacó. **Obras de Armínio.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BANGS, Carl. **Biografia de Jacó Armínio.** São Paulo: Reflexão, 2015.

BURTNEN, Robert; CHILES, Robert. **Coletânea da Teologia de John Wesley.** São Paulo: Imprensa Metodista.

COLLIN. Kenneth J. **Teologia de John Wesley**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

CRAIG ,William L; MORELAND, J. P. **Filosofia e cosmovisão cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2005.

DUFFIELD, Guy P; CLEAVE, Nathaniel M. Van Cleave. **Os Fundamentos da Teologia Pentecostal.** São Paulo: Quadrangular, 2000.

GEISLER, Norman. **Eleitos, mas livres:** uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio. São Paulo: Vida, 2001.

GEISLER, Norman; FEINBERG, Paul D. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

GONZÁLES, Justo. **Uma história do pensamento cristão:** da Reforma Protestante ao Século 20. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo:** a era dos reformadores até a era inconclusa. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HUNT, Dave. **Que amor é este:** a falsa representação de Deus no calvinismo. São Paulo: Reflexão, 2015.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARIANO, Wellington Carvalho. **O que é teologia arminiana?** São Paulo: Reflexão, 2015.

MULLINS, Edgar Young. **A religião cristã na sua expressão doutrinária.** São Paulo: Hagnos, 2005.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã:** 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2000.

_____. **História das controvérsias teológicas:** 2000 anos de unidade e diversidade. São Paulo: Vida, 2004.

_____. **Teologia arminiana:** mitos e realidades. São Paulo: Reflexão, 2013.

PLANTINGA, Alvin. **Deus, a liberdade e o mal.** São Paulo: Vida Nova, 2012.

RODRIGUES, Zwinglio. **Introdução ao arminianismo clássico**: história, doutrinas e fundamentação bíblica. Maceió: Sal Cultural, 2015.

ROTERDÃ, Erasmo. **O livre-arbítrio.** São Paulo: Reflexão, 2013.

TITILLO, Thiago Velozo. **A gênese da predestinação na história da teologia cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

WALLS, Jerry L.; DONGELL, R. Joseph. **Por que não sou calvinista.** São Paulo: Reflexão, 2014.

WESLEY, John. **O diário de John Wesley.** São Paulo: Arte Editorial.

WILEY, H. Orton. **Introdução à teologia cristã.** São Paulo: Casa Nazarena de Publicações, 1990.


CPAD
BILLY
GRAHAM
Paz com Deus

Paz com Deus

Graham, Billy

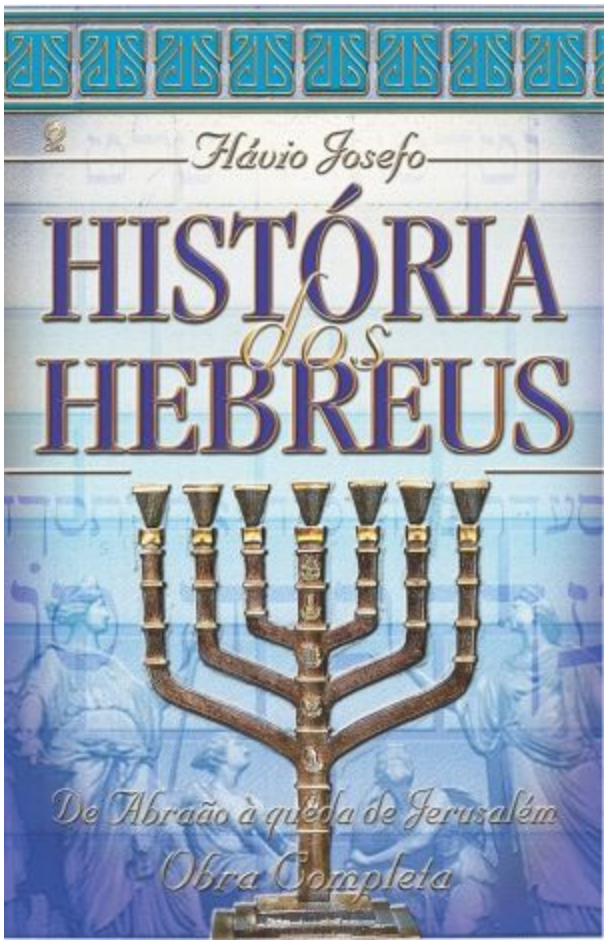
9788526312890

224 páginas

Compre agora e leia

Está à procura por algo que é mais importante do que qualquer outra na vida? Você não está sozinho! Toda a humanidade está buscando a resposta para a doença moral e o vazio espiritual que oprime o mundo. Toda a humanidade está clamando por orientação, conforto e paz. Nesta obra Billy Graham lhe ajudará a buscar a verdadeira calma espiritual em meio a uma vida cheia de estresse, fardo e desânimo. Viva a Paz com Deus! Um produto CPAD.

Compre agora e leia


Flávio Josefo
HISTÓRIA DOS HEBREUS
De Abraão à queda de Jerusalém
Obra Completa

História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
HERÓIS
DA
FÉ
VINTE
HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO
ORLANDO BOYER

Heróis da Fé

Boyer, Orlando

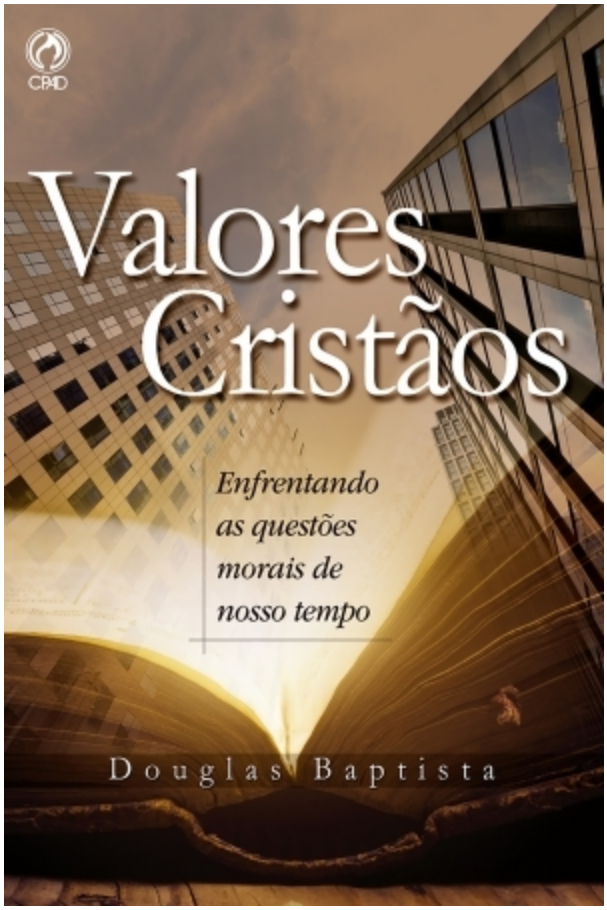
9788526311954

272 páginas

Compre agora e leia

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre, amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
Valores Cristãos
Enfrentando as questões morais de nosso tempo
Douglas Baptista

Valores Cristãos

Baptista, Douglas

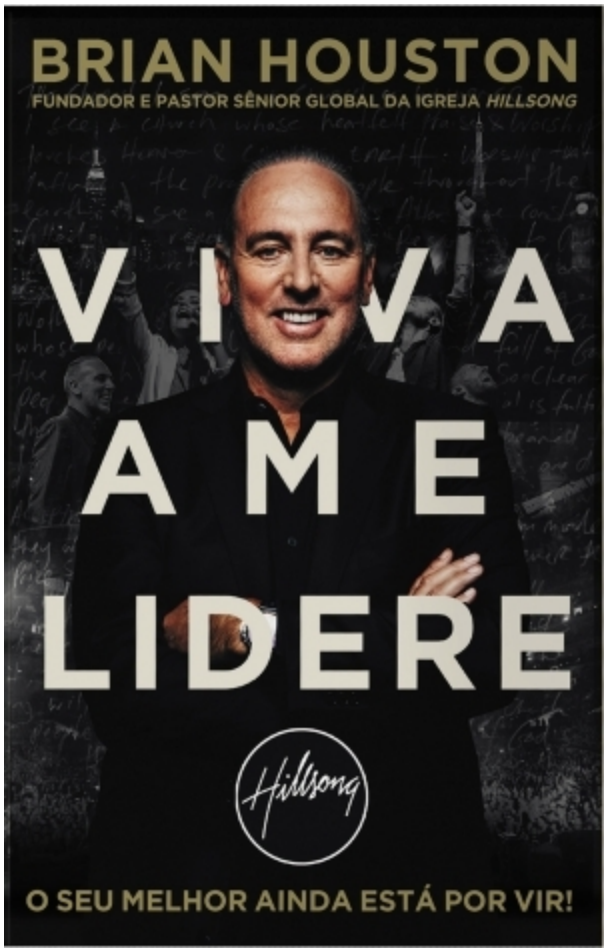
9788526315754

160 páginas

Compre agora e leia

Neste novo século e milênio, os valores sólidos da moral e da ética judaico-cristã têm sido sistematicamente substituídos por um relativismo cultural cuja consequência é o esfacelamento das relações humanas. Venha nesta jornada com o pastor Douglas Baptista estudar e defender os valores cristãos nas questões dos Direitos Humanos, Aborto, Pena de Morte, Suicídio, Doação de Órgãos, sexualidade, finanças, etc., e juntos, enfrentar as questões morais de nosso tempo. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


BRIAN HOUSTON
FUNDADOR E PASTOR SÊNIOR GLOBAL DA IGREJA HILLSONG
VIVA
AME
LIDERE
Hillsong
O SEU MELHOR AINDA ESTÁ POR VIR!

Viva Ame Lidere

Houston, Brian

9788526314115

224 páginas

Compre agora e leia

Você sabia que sua vida tem um roteiro original, um propósito próprio, distinto e incomparável em relação a qualquer indivíduo do planeta terra? Você sabia que esse caminho está pronto para você conquistar, independentemente do ponto em que você esteja na jornada da vida, de quantos erros sinta que cometeu ou de quantos obstáculos tenha encontrado? Nascemos com o potencial dado por Deus para deixar nossa marca no mundo. Há 33 anos quando Brian Houston estabeleceu uma igreja no salão escolar com 40 pessoas, ele não tinha nenhuma ideia de quantos altos e baixos, sacrifícios e milagres iria encarar. Ao longo do tempo, a sua pequena igreja cresceu e virou o ministério Hilsong, conduzindo pessoas ao redor do mundo a seguirem o maior Guia que já percorreu o caminho: Jesus. Quer você esteja na liderança da igreja, liderança nos negócios ou, como a maioria de nós, envolvido com a família e amizades que requerem tempo e atenção, Jesus é o melhor guia e companheiro. A abordagem transformativa de Brian Houston para a vida em VIVA AME LIDERE te ajudará a percorrer o seu próprio caminho de fé. Quando se trata da vida com Jesus, não há dúvida de que o melhor ainda está para vir! Um produto CPAD.

Compre agora e leia